



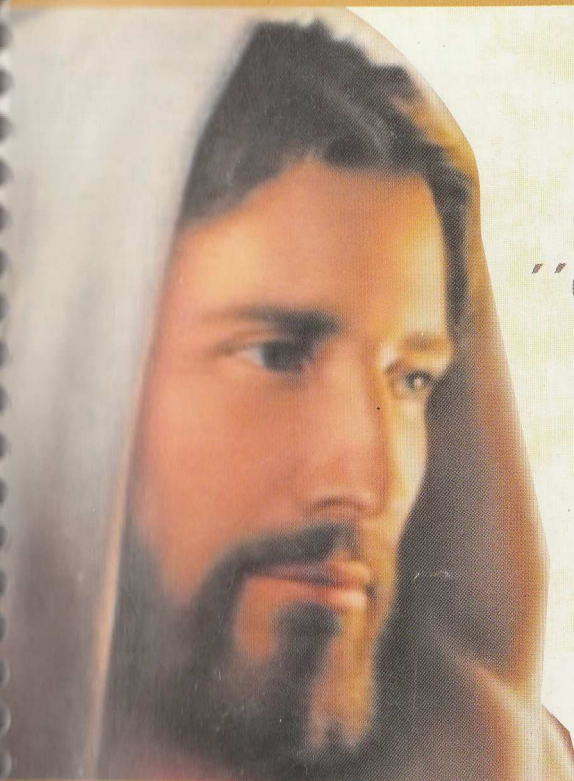
## PASTORAL DO MENOR E FAMÍLIA DA DIOCESE DE FRANCA

**O conteúdo deste livrinho é para  
ajudar na construção do perfil do  
Agente da Pastoral do Menor**

Rua Leandro Fernandes Martins, 1949  
Jardim Aeroporto III  
Fone: (16) 3701-7550

E-mail: [pastoraldomenorfranca1@yahoo.com.br](mailto:pastoraldomenorfranca1@yahoo.com.br)  
Franca - SP

# O AGENTE DA PASTORAL DO MENOR



“QUEM ME VÊ,  
VÊ O PAI”  
Jo 14,9

“TESTEMUNHAS DE UMA VIDA  
COM O ROSTO DE DEUS”





## APRESENTAÇÃO

A **Pastoral do Menor**, ao longo da sua história, procurou despertar, abrir os olhos, os ouvidos e o coração de todos sobre a realidade das nossas crianças e adolescentes e continua despertando nos corações de todos, o que **disse Jesus: "Todo aquele que recebe algum destes meninos (pequenininhos, menor) em meu nome, a mim recebe". (Mc.9,37; Mt. 18,5; Lc. 9,48)**, e o que pronunciou, **Dom Luciano**, *"criança não é problema, é solução porque faz repensar a sociedade"*, e não só isto, **disse também**, *"optar pela criança frágil e impotente é reconhecer a dignidade da pessoa humana e descobrir o princípio que permite reorganizar os valores e a convivência humana. Optar pelo menor (adolescente) empobrecido significa subordinar a dimensão econômica à social e assegurar que as decisões políticas respeitem os princípios éticos e a dignidade da pessoa humana aberta à verdade, ao bem e à felicidade da comunhão com Deus"*.

O conteúdo deste pequeno livro irá ajudá-lo a entender estas palavras de Jesus, e de Dom Luciano, através dos textos de **Dom Leonardo de Miranda Pereira**, que por muitos anos foi o Bispo referência da Pastoral do Menor no Nacional, após a morte de Dom Luciano; do **Pe. Saverio Paolillo (Pe.Xavier assim conhecido, no nosso meio)**, que muito tem ajudado a construir o perfil de nossos Agentes da Pastoral do Menor, desde o início de sua formação sacerdotal e hoje como sacerdote **João Batista Libanio**, sempre nos apoiou, orientando o nosso agir, com seus escritos teológicos.

**Aproveite estes textos, que irá ajudá-lo a construir seu perfil como Agente da Pastoral do Menor**, tornando realidade o que **disse Dom Luciano**, *"somemos esforços para acender uma luz na vida das crianças. Deus fará que elas se tornem a luz de nossas vidas, a semente de justiça e paz social, e a aurora de esperança para o nosso povo"*.

Seja, **"TESTEMUNHA DE UMA VIDA COM O ROSTO DE DEUS"**

**Pe. Ovídio José Alves de Andrade.**

**Coordenador da Pastoral do Menor no Regional Sul I – CNBB.**



O CONTEÚDO DESTES LIVROS FOI RETIRADO DA:  
Cartilha Metodológica para o processo preparatório da  
VIII Assembléia Nacional da Pastoral do Menor  
18 a 23 de Novembro de 2014

Textos correspondentes a Retiros pregados a  
Agentes da Pastoral do Menor por:

**Pe. Saverio Paolillo (Pe. Xavier)**

## **Testemunhas de Uma Vida com o Rosto de Deus**

\*

**Dom Leonardo de Miranda Pereira**

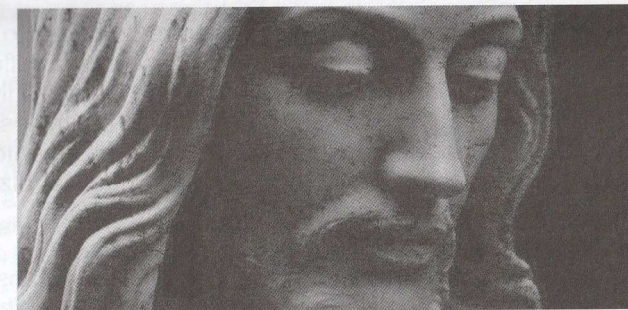
**O Agente da Pastoral do Menor**

\*\*

**Texto Teológico de:**

**Padre João Batista Libanio**

**Por que Faço o que Faço ?**



**TESTEMUNHAS DE UMA VIDA COM O ROSTO DE DEUS  
Pe. Saverio Paolillo (Pe. Xavier)**

### **Introdução**

A maior riqueza da Pastoral do Menor são as pessoas. Nos lugares mais distantes, nas situações mais conflitivas, nas realidades mais sofridas homens e mulheres, inspirados pelo Evangelho, doam suas vidas para que as crianças e os adolescentes empobrecidos do Brasil tenham vida em plenitude. Na maioria dos casos não contam com grandes meios e estruturas. Muitas vezes são hostilizados até em ambientes que deveriam oferecer certo apoio. Mas não desistem. A pobreza de meios e a própria condição de fragilidade não impedem que se doem com gratuidade. Com a cara e a coragem eles estão aí, marcando presença. E os milagres acontecem. Os “cinco pães e os dois peixes” dos quais dispõem, colocados nas mãos do Mestre, são suficientes para “dar de comer” a multidões. É coisa de deixar qualquer um boquiaberto. Qual é a origem de tudo isso? A fé em Deus. A ligação permanente com seu Amor. A identificação com o Cristo, Bom Pastor que entregou a própria vida para salvar o mundo.

A Pastoral não pode perder esse patrimônio. Tem que cuidar dele. Priorizar as pessoas, valorizar suas vidas, qualificar seu compromisso, ajudá-las no processo de identificação com o Mestre é o melhor presente que pode dar às crianças e adolescentes que Deus confia aos seus cuidados. A PAMEN desenvolve muitas atividades para melhorar as condições de vida das crianças e dos adolescentes, mas o melhor serviço que é prestado a eles é o testemunho de uma vida que assume o jeito de ser e viver de Jesus como fonte de identidade. O trabalho da PAMEN pode até dar jeito na vida de algumas pessoas, mas ele poderá ser decisivo para a história da humanidade e provocar as mudanças que tanto almeja se, através da coerência de vida dos agentes de pastoral, as crianças e os adolescentes descobrirem que o ser humano será feliz só se entrar no caminho de configuração com Cristo.

É esse o desafio que lanço com este texto: investir nos agentes de Pastoral para que seu testemunho seja qualificado, isto é, tenha a qualidade do Deus de Jesus Cristo. É só início de conversa. Inspirei-me em vários textos, sobretudo num artigo de Pe. Alex Zatyryka, sacerdote jesuíta. Ao falar especificamente da missão da vida religiosa em América Latina, Pe. Alex oferece motivos de



reflexão que podem muito bem ser trabalhados dentro do contexto da missão da PAMEN. Outro texto que pode ser utilizados como base dessa reflexão é *“Jesus Hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical”* de Albert Nolan. O livro, publicado pelas Paulinas, oferece uma proposta espiritual original e simples, que tem por base a vida de Jesus. Como afirma Nolan, sem um enraizamento profundo na experiência do Deus de Jesus Cristo, não teremos nada a dizer ao mundo contemporâneo e seremos impotentes diante dos desafios atuais.

### 1. A missão brota da compaixão

“Ao ver a multidão, Jesus teve **compaixão** dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor. Então disse aos seus discípulos: *A colheita é grande, mas poucos os operários. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita*” (Mt 9,36-38).

O texto de Mateus não deixa dúvida. Na origem da missão de Jesus e de seus discípulos não há um projeto de poder ou um programa de recrutamento em massa de adeptos para a conquista do mundo, mas um profundo sentimento de compaixão pela multidão cansada e abatida. Dotado de peculiar sensibilidade, Jesus não só percebe o sofrimento do outro, mas coloca o dedo na ferida, vai à raiz do problema, é capaz de entender o que está à origem do mesmo. Sua compaixão inclusive aumenta mais porque sabe que não era para ser assim e que a realidade poderia ser diferente. Há uma saída, mas as multidões, por si mesmas, não têm ou não sabem como sair. Perderam o rumo. Estão num beco sem saída. Sentem-se atordoadas pelo bombardeio de propostas de vida que acabam embaralhando mais ainda o meio de campo. Sentem-se perdidas, desorientadas, confusas. Carecem de pessoas de confiança que se aproximem delas de maneira desinteressada, que ajudem a diagnosticar as raízes de tamanha insatisfação e que apontem o caminho da superação. Precisam de pastores e de guias que mostrem para elas aquilo que precisam para alcançar a plenitude da vida. Necessitam de companheiros e companheiras dispostos a dar a vida para elas. Sem este apoio continuam andando em busca de alguém que se disponha a ajudá-las.

Mas o que está por trás de todo esse sofrimento que comove Jesus? Qual é a raiz do problema que o Mestre consegue captar?

### 2. A humanidade passa por um processo de desumanização

As entranhas do Mestre se contorcem de tanta dor ao ver o processo de desumanização pelo qual está passando a humanidade. O ser humano está desfigurado. Não é feliz porque não sabe mais “quem é”. Está deixando de ser humano e está comprometendo totalmente sua verdadeira identidade. Há uma distância enorme entre a imagem de humanidade que saiu da cabeça de Deus e aquilo que está acontecendo com o ser humano. A “figura de gente” que o Criador imprimiu no homem e na mulher no ato da criação passa por um processo de desfiguração. Jesus, dotado de uma sensibilidade afinada, se dá conta disso. O ser humano é irreconhecível aos olhos de quem, como o Mestre, participou desde o começo da sua “formatação”. Quem como Ele conhece bem a “figura” pode perceber em toda sua dramaticidade a condição de quem vive desfigurado e apontar nesse processo de desfiguração a causa do sentimento de profunda tristeza e insatisfação que aflige a humanidade.

O que fazer para reverter esse quadro?

### 1. A missão como resgate da autêntica figura humana: da desfiguração à configuração com Cristo

A primeira resposta de Jesus é a presença solidária, a partilha da dor, a **compaixão**. Muito tem se falado a respeito dessa palavra que na Bíblia aponta o jeito peculiar de Deus de sentir na própria pele o sofrimento dos outros. A compaixão indica, em primeiro lugar, a resposta solidária de Deus ao sofrimento do outro. Diante do cansaço, do abatimento e da desesperança das pessoas, sua natureza solidária e cuidadosa “o obriga” a sair de si mesmo, a mergulhar na realidade de sofrimento e a compartilhar a dor dos que sofrem. Em Jesus, Deus assume a natureza humana, para se tornar companheiro de caminhada dos seres humanos fazendo-se cargo de seu sofrimento. Trata-se do primeiro momento do cuidado. É o contato físico, o entrelaçar das mãos, o ombro amigo colocado à disposição como ponto de apoio para o outro se levantar. A parábola do Samaritano oferece uma ampla descrição dessas atitudes. Mas Jesus não para por aqui. Ele propõe um percurso que tem como objetivo o “apoderamento” por parte do ser humano de sua autêntica figura. Ele assume a natureza humana para revelar, através de seu jeito de ser e de viver, a humanidade que tem o selo da qualidade divina. Cuidado, porém, com essa expressão. Quando se fala de “qualidade divina” não se trata de conquistar os atributos de Deus, qual a onisciência, a onipotência e a onipresença, como o ser humano tentou fazer ao longo da história na tentativa de usurpar o lugar de Deus para dar vazão à sua irrefreável sede de poder, mas de assimilar a qualidade de Deus que o próprio Jesus revelou na hora de apontar o único mandamento capaz de dar plenitude à existência humana: **amar como Deus ama**. O segredo que garante ao ser humano o “certificado de garantia que ateste a qualidade divina de sua vida autenticamente humana” é amar exatamente do mesmo jeito como Deus ama. Fora disso torna-se um ser humano pirateado. O homem e a mulher foram feitos para serem pessoas, isto é, seres de comunhão amorosa com o cosmos, os outros e Deus. Portanto, diante do quadro de **desumanização** que faz de ser humano um ser infeliz a missão se torna um processo de **transfiguração** que encontra seu ponto máximo na **configuração** com Jesus. Se a humanidade quiser sair dessa situação de abatimento tem que assumir o rosto de Jesus.

Como fazer isso?

### 2. O sucesso da missão passa pelas pessoas

É interessante reparar que, após ter comunicado seu sentimento de compaixão diante das multidões cansadas e abatidas, Jesus convida todos a rezar para que o Pai envie operários para sua colheita. Não há pedido de meios materiais para a realização da missão, mas de pessoas. O Mestre diz com bastante clareza que a riqueza da missão são as pessoas. O futuro feliz da humanidade depende de “operários” que estejam dispostos a trabalhar com e como o Pai. Para Jesus o resgate da humanidade, o apoderamento de sua autêntica figura e a possibilidade de sair da condição de aviltamento para a afirmação de sua autêntica dignidade não passam por estruturas, meios ou dinheiro, mas por pessoas que, configuradas com Cristo, estejam dispostas a levantar a humanidade decaída, a sarar suas feridas e a torná-la capaz de viver a própria



vida em plenitude. O mundo desfigurado precisa de pessoas transfiguradas capazes de acender em cada pessoa um desejo profundo de transfiguração.

O que tudo isso tem a ver com a missão da Pastoral do Menor?

### 1. As crises que ameaçam a humanidade

A situação das multidões do tempo de Jesus não é muito diferente daquela que vivenciamos em nossos dias. Em nosso cotidiano nos defrontamos com massas de seres humanos, sobretudo de crianças e adolescentes, marcados por profundas feridas. Não cabe aqui fazer uma análise detalhada das causas de todo esse sofrimento, mas é importante apontar as crises que ameaçam a humanidade e comprometem a busca da realização plena.

- a) A crise econômica: a economia real foi substituída pela economia financeira. Ao capitalismo industrial subentrou o capitalismo especulativo. O dinheiro não serve mais para produzir bens e serviços, mas para gerar outro dinheiro. O que vale é o dinheiro pelo dinheiro em detrimento de tudo aquilo que pode servir para o bem do ser humano. O lucro é absolutizado e sobre o seu altar sacrificam-se os seres humanos.
- b) A crise ecológica: a ganância de dinheiro não mede as consequências. A busca obsessiva do crescimento econômico coloca em cheque a sobrevivência do nosso planeta. A terra não nos aguenta mais.
- c) A crise antropológica: o ser humano está perdido. Não sabe mais o que significa ser humano. Há uma profunda crise de identidade. Por séculos vendeu-se a certeza absoluta do que o progresso da ciência, da tecnologia e da razão solucionariam todos os problemas humanos e garantiriam a felicidade. Mas não foi isso que aconteceu. A absolutização da razão científica, analítica e objetiva, em detrimento de outras dimensões humanas essenciais, como a afetividade, não produziu os resultados prometidos. Não houve a universalização do bem estar. A promessa de sociedades avançadas, marcadas pela justiça e a prosperidade, não se realizou. Ao contrário multiplicaram-se as guerras, instauraram-se regimes totalitários que praticaram atos criminosos inauditos, intensificaram-se as distâncias entre ricos e pobres, multiplicaram-se as injustiças, aumentou assustadoramente o número de pessoas feridas, maltratadas, pisoteadas em seus direitos, condenadas à exclusão e à invisibilidade. A felicidade não veio nem para os ricos, nem para os pobres. Prevaecem os sentimentos de frustração, angústia, medo, depressão. Instaurou-se um processo de adulteração da própria identidade do ser humano. Está prevalecendo o ser individualista, ególatra, predador, ciumento, voraz consumidor, destruidor, violento, obcecado pelo dinheiro, escravo do hedonismo, em busca incansável de seu bem-estar em detrimento daquele de seus similares e de toda a obra da criação, capaz de qualquer coisa para prevalecer acima dos outros.

Tudo isso está produzindo desânimo e ceticismo generalizado. A população se sente vítima de falcatura. Sente que lhe foi arrancado o sentido da vida. Não sabe que rumo tomar. Não acredita em mais ninguém. Quem lhe pode garantir uma alternativa ao "status quo" sem correr o risco de se tornar ainda uma vez vítima de um novo engano ainda pior do anterior? Ao ceticismo subentra a desesperança.

Diferentemente de outras épocas em que muitos se comprometiam na luta por um mundo melhor, hoje em dia são poucos ainda aqueles que acreditam que o novo pode acontecer. É verdade que há ainda movimentos que acreditam que um outro mundo seja possível, mas é também verdade que a maioria se fecha no seu próprio mundinho e, ao máximo, sai para reivindicar seus próprios direitos. Na tentativa de anestesiar esse sofrimento opta-se pelos "narcotizantes". Os mais clássicos são as drogas ilícitas e lícitas, mas até dimensões importantes para a realização pessoal como o exercício da sexualidade, o trabalho, o estudo, as atividades esportivas e até as práticas religiosas são consumidas para amenizar a dor e produzir um prazer efêmero.

### 1. A mudança passa pela conversão das pessoas

Esse é o mundo em que vivemos e atuamos. Perceber as crises e fazer delas uma oportunidade de mudança é o nosso papel se queremos efetivamente o melhor para nós e nossas crianças e adolescentes. Não só podemos mudar o mundo, mas temos que mudá-lo. A mudança tornou-se um imperativo ético, diria até religioso. É uma questão de fé no Deus de Jesus Cristo. Precisa mudar as estruturas. É necessário rever a economia, a política, a cultura, a própria maneira de viver a dimensão religiosa, mas tudo isso não vai acontecer se não houver uma conversão das pessoas. A mudança passa necessariamente por um processo de transfiguração que leve cada pessoa a se reconhecer em Jesus e fazer de seu jeito de ser a fonte de sua própria identidade. A nossa resposta às crises que afligem a humanidade é a configuração com o Mestre. Dessa forma, feita criatura nova, a humanidade será capaz de tornar o nosso mundo cada vez mais parecido com o projeto de Deus.

Mas para que isso seja possível, é necessário que os próprios membros da Pastoral do Menor passem por um processo de mudança. Esse processo de desfiguração que descrevemos acima atinge também nós. Ele contamina nossa vida, condiciona nossa maneira de ser e de viver, ameaça nossa identificação com a figura que Deus imprimiu em cada um de nós. O cansaço, o desânimo, as dificuldades nas relações interpessoais, o individualismo, a sobreposição de interesses pessoais, a busca obsessiva da garantia de seus próprios direitos sem levar em consideração aqueles dos outros, a mercantilização das nossas prestações em detrimento do serviço gratuito... são só alguns dos sintomas que revelam o nosso distanciamento de nosso modelo. Ao identificarmos o nosso trabalho como pastoral nos comprometemos a assumir um processo de identificação com o verdadeiro Pastor e com sua missão.

Não dá para ajudar as crianças, os adolescentes e os familiares a encontrar a autêntica figura humana se nós, agentes de Pastoral do Menor, não estamos nessa. É impossível ajudar a garotada no processo de transfiguração se nós mesmos não passamos por ele. É de "operários" identificados com Jesus que o mundo precisa. É urgente, portanto, investir cada vez mais nas pessoas que atuam na Pastoral do Menor, pois são elas a grande riqueza do trabalho.



## 7. Assumir uma vida orientada pelo amor “kenótico”

Quando Jesus chamou Pedro e João para que o acompanhassem até o monte Tabor não era somente para que ele revelasse sua verdadeira identidade, mas também para que os seus apóstolos mudassem sua maneira de vê-lo. Portanto, no monte Tabor não se deu somente a transfiguração de Jesus, mas também dos seus apóstolos. O Mestre sentiu essa necessidade porque ainda constatava a resistência dos apóstolos quanto à sua identidade e sua missão, uma resistência que se tornou mais acirrada quando por bem três vezes revelou-lhes o mistério da sua paixão, morte e ressurreição. A transfiguração serve para afinar a sensibilidade dos apóstolos.

Na transfiguração Deus convida os apóstolos a ouvir o seu Filho amado, pois vai ser justamente no mistério pascal do Filho que Ele vai revelar a sua verdadeira identidade. É na cruz que o Deus trinitário mostra seu rosto. A cruz expõe seu amor incondicionado pela humanidade. É evidente que isso escandaliza, pois se põe numa perspectiva diametralmente oposta ao individualismo e ao egocentrismo.

A contemplação da cruz, a escuta atenta daquilo que essa representa e o compromisso de assumir sua lógica operam em nós um processo de conversão. *“Converter-se significa reconhecer-se em Jesus, na sua maneira de viver doando-se. O seu total esvaziar-se até dar tudo de si para nós nos revela o que é plenamente humano. Traz à tona a imagem divina segundo a qual fomos criados. Cristo crucificado e ressuscitado nos manifesta, numa linguagem existencial acessível à nossa compreensão humana, o mistério de um Deus que é amor, como dom de si, que, paradoxalmente, quanto mais se doa tanto mais se transforma em vida. Somos a imagem desse Deus. É a “figura” que nos é própria, o modelo com o qual somos chamados a nos “configurar” a nossa identidade de pessoas, nos moldes das três pessoas da Trindade. O Senhor Jesus conforta seus discípulos resgatando-os de sua condição de desfigurados. Somos desfigurados pelo mal, entendido como dinamismo exatamente oposto ao Amor kenótico de Deus. O engano do mal consiste fundamentalmente em nos separar uns dos outros e em nos convencer, a partir da solidão e do isolamento, que todos aqueles que estão ao nosso redor, inclusive Deus, são inimigos e rivais. O mal nos convence que a única maneira para termos segurança nesse mundo inseguro é assumir uma postura de predadores. No lugar de dar a vida, nos dedicamos a arrancá-la dos outros. Tornamo-nos “contra-imagem” de Deus, Desfiguramo-nos... O Filho do Homem torna possível uma vida orientada pelo dinamismo do amor kenótico. Nos ajuda a reconhecer que nossa natureza mais íntima reflete esse dinamismo. Transfigura-no, o torna transparente e permite que o descubramos possível em nossas vidas. Na medida em que damos crédito e começamos a optar por essa sensibilidade, constatamos que nossas vidas são cada vez mais plenas e felizes, descobrimo-nos cidadãos do Reino, receptores da Boa Nova do Reino e enviados a transmiti-la. Captamos que a postura de total doação de si, plasmada por Cristo, não era presente só na cruz mas em cada ação de sua vida. Essa atitude, o Amor do qual fala o apóstolo Paulo no capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios, torna-se a marca registrada de nossas ações. Aprendemos que mais importante do que fazemos é como o fazemos e o que nos impulsiona a agir.”* (PE. Alex Zatyrsa, sj)

Portanto, os agentes de Pastoral, antes de realizar várias ações, doam às crianças e aos adolescentes seu testemunho de doação até as últimas consequências. Sua vivência pautada pela gratuidade confere à sua ação um alto grau de credibilidade. Ao fazer transparecer a alegria de viver doando-se sem medo e sem medida, contagiam os outros ao ponto de suscitar neles a vontade de viver do mesmo jeito. Dessa forma os agentes de pastoral tornam-se autênticas guias que orientam o povo que é confiado a seus cuidados no caminho que leva à identificação com Cristo e constituem-se como uma alternativa concreta à cultura da morte, do aviltamento, da violência e da injustiça que massacra nossas crianças e adolescentes.

## ANEXO III

### O AGENTE DA PASTORAL DO MENOR

Dom Leonardo de Miranda Pereira

*Retiro orientado por Dom Leonardo de Miranda Pereira em 08.10.10 para os agentes da Pastoral do Menor do Regional Sul 1.*

## 1ª REFLEXÃO

### IMPORTÂNCIA DO RETIRO ESPIRITUAL

1. Começo por afirmar que Retiro Espiritual não é pregado: é vivido. Cuidemos de vivê-lo plenamente. Alegremente. Eficazmente. Cuidemos, desde já, de vivê-lo com grande proveito. E como o próprio nome já o diz, Retiro Espiritual é um tempo de retirar-nos... das ocupações e preocupações cotidianas, dos nossos ambientes de convivência, das distrações e barulhos do mundo, mesmo do trabalho ou da vida profissional, para dar mais atenção a Deus, a nós próprios e ao próximo. Ocupemo-nos um pouco mais com a vida interior, a santificação pessoal, mas superando uma visão puramente intimista, de simples satisfação do bem estar pessoal, a fim de buscar ou tentar refazer nossas energias espirituais, isto é, retomar com mais empenho nosso viver cristão e nossos compromissos pastorais.

2. Os santos Evangelhos relatam que Jesus muitas vezes se afastava das multidões que O seguiam e retirava-se para um lugar ermo onde pudesse entregar-se à oração (Lc 5, 16; 6, 12). Isso lhe consentia renovar ou refazer a força interior de sua missão evangelizadora. Antes de iniciar a sua vida pública, Jesus se recolheu em oração e jejum no deserto, vencendo prontamente as investidas ou tentações do demônio (cf. Mt 4, 1-11; Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-13). Digamos o seguinte: após aquele longo retiro em absoluto jejum – nem pão em água – fisicamente ele se encontrava fragilizado; sentiu fome. Interiormente, fortalecido. Venceu prontamente as investidas do diabo. Mesmo a seus discípulos, quando voltavam entusiasmados e possivelmente um tanto extenuados de uma missão, Jesus os chamou a um lugar separado, para que pudessem estar a sós com Deus (Mc 6, 31-32).



3. Alguém definiu o Retiro como momento de solidão. Santa solidão! O que não é propriamente isolamento. São Bernardo chamava a solidão de felicidade: "O beata solitudo"! Momento privilegiado esse em que, afastados do burburinho dos sentidos e do mundo, podemos nos encontrar com Deus, conosco e, numa aparente contradição, com o próximo, e refazer nossos compromissos. Elias, no silêncio de uma gruta, e os profetas, na contemplação e em recolhimento, sentiram o chamado e deixaram-se impregnar pelo Espírito, adquirindo forças para sua missão. Façamos, se possível, a "Leitura orante" do episódio de Elias: 1º Rs 19, 9-12, por ser mais apropriado ao momento.

4. Volto questionar: que sentido ou significado tem um Retiro Espiritual? Sabemos que o silêncio e o recolhimento na oração foram e são marcas constantes na Igreja, desde quando os Apóstolos, no Cenáculo, por nove dias, na oração fraterna e comunitária, esperaram a vinda do Espírito Santo (At 1, 13-14). Os eremitas fugiam da "concupiscência da carne e da soberba da vida", indo para o deserto onde se entregavam ao conhecimento de si próprios e à união com Deus, para irradiarem a vida na Igreja com sua sabedoria. Dizia Santa Tereza: "Deus sempre quer nos falar, mas o mundo faz tanto barulho que não o podemos ouvir. Tudo o que é definitivo nasce e amadurece no seio do silêncio: a vida, a morte, o além, a graça e a salvação". Um grande e atual mestre de espiritualidade, Inácio Larrañaga dizia: "O palpitante está sempre latente". Nas atividades do dia a dia, nós nos perdemos. Deixamos até de pensar, como escreveu Pascal num fragmento de papel esquecido numa gaveta: "O homem foi feito para pensar; aí está a sua dignidade e seu mérito. Seu único dever consiste em pensar bem; e a ordem do pensamento está em começar por si, por seu autor e por seu fim. Ora em que pensa o mundo? Jamais nessas coisas" ou pelo menos, muito pouco ou quase nada, digo eu. "É preciso meditar muitas vezes sobre Deus, conceber a unidade da vida e a sua exigência de progresso, ter uma visão simples de nossas relações e do nosso destino tão confusos pelo movimento habitual do mundo". O espírito foi feito para pensar e julgar no Espírito de Deus.

5. O Retiro Espiritual nos dá condição para a realização dessa grandeza humana: "no entanto, o fizeste só um pouco menor que um deus" (Sl 8, 6). No silêncio, vamos nos encontrar, primeiro conosco. Saber que somos criaturas privilegiadas, e como temos respondido a essa nossa dignidade? Por atos penitenciais e de fé, no arrependimento, encontraremos a misericórdia de Deus no perdão. Nele apoiados, planejamos uma vida nova. No silêncio e na oração, Deus nos revela sua face e nos fortalece como fortaleceu a Cristo nas tentações.

6. Sistematizando esses movimentos, Santo Inácio de Loyola, escreveu seus "Exercícios Espirituais". Não é um roteiro para ser lido apenas, ainda que com

muita atenção, mas para ser vivenciado. Por quarenta dias se estendem os exercícios, levando-nos desde a primeira semana à conscientização de nossa fraqueza e da falta de correspondência à graça, ao pedido de perdão à misericórdia divina e, em vista do nosso destino eterno, às resoluções firmes de uma nova vida. Foi a própria experiência que Santo Inácio traduziu nessas páginas. É a experiência que se exige de todos os que queiram alcançar uma vida de humana perfeição na adesão a Cristo. Esse esquema é seguido nos retiros que se fazem na Igreja em busca de um crescimento espiritual necessário para todos nós. Longe do barulho, procuramos examinar nossa vida e nossos atos, confrontando-os com o Evangelho e, confiados na bondade divina, partir para uma vida nova, conscientes de que o Reino de Deus está dentro de nós, Reino que "é justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Rm 14, 17).

7. Vivemos hoje um mundo de muitas solicitações. Não temos tempo para nada, tal o volume e velocidade de informações e ocupações outras do dia a dia: trabalho, filhos, escola, vida social, clube, academia, novelas, celular, restaurantes, cabeleireira etc. Somos desviados e atordoados pela cultura do som e das imagens, por tudo que é alheio ao espírito. E por isso, não temos tempo.

#### TENHO TEMPO, SENHOR

(Poema de Michel Quoist, do livro Poemas para rezar)

Toda gente se queixa de não ter tempo bastante. É que olham a vida, sua vida, com olhos humanos demais. Sempre se tem tempo de fazer o que Deus nos dá a fazer. Mas é preciso estar totalmente presente em todos os instantes que Ele nos oferece.

\*

"Assim, pois, prestai muita atenção à vossa conduta. Comportai-vos não como insensatos a tirar bom partido do tempo presente... Não vos mostreis assim imprudentes, mas sabeis ver qual é a vontade do Senhor" (Ef 5, 15-17).

\*

Sai, Senhor.  
Lá fora os homens saíram.  
Iam, Vinham, Andavam, Corriam.  
As bicicletas corriam,  
Os automóveis corriam,  
Os caminhões corriam,  
A rua corria,  
A cidade corria,  
Todo o mundo corria.  
Corriam todos, para não perder:  
Corriam ao encalço do tempo,



Para recuperar o tempo,  
Para ganhar tempo.

Até logo, Doutor, desculpe-me – não tenho tempo.  
Passarei outra vez, não posso esperar mais – não tenho tempo.  
Termino aqui esta carta – pois não tenho tempo.  
Queria tanto te ajudar – mas não tenho tempo.  
Não posso aceitar, por falta de tempo.  
Não posso refletir, nem ler, ando assoberbado – não tenho tempo.  
Não posso refletir, nem ler, ando assoberbado – não tenho tempo...  
Gostaria de rezar – mas... eu não tenho tempo.

Compreendes, Senhor, eles não tem tempo.  
A criança está brincando, não tem tempo agora mesmo... mais tarde...  
O estudante tem seus deveres a fazer, não tem tempo... mais tarde  
O universitário tem lá suas aulas, e tanto, tanto trabalho que não tem tempo... mais tarde...  
O rapaz pratica esporte, não tem tempo... mais tarde...  
O que casou, há pouco, tem sua casa, deve organizá-la, não tem tempo... mais tarde  
O pai de família tem seus filhos, não tem tempo... mais tarde...  
Os avós tem seus netos, não tem tempo... mais tarde...  
Estão doentes. Precisam tratar-se... não tem tempo... mais tarde  
Estão à morte, não tem...  
Tarde demais... não tem mais tempo.

Assim correm todos os homens atrás do tempo, Senhor.  
Passam correndo pela terra  
apressados, atropelados, sobrecarregados, enlouquecidos, assoberbados.  
Nunca chegam, falta-lhes tempo,  
Apesar de todos os esforços, falta-lhes tempo.  
Falta-lhes mesmo muito tempo.  
Com certeza, Senhor, erraste os cálculos.  
Há um engano geral:  
Horas curtas demais,  
Dias curtos demais  
Vidas curtas demais.

Tu que estás fora do tempo, Senhor, sorrís ao ver-nos assim  
Brigar com ele.

E sabes o que fazes.  
Não te enganas quando distribuis o tempo aos homens,  
A cada um das o tempo de fazer o que queres que faça.  
Mas é preciso não perder tempo, não esbanjar tempo, não matar tempo,  
Pois o tempo é um presente que nos dás.  
Presente perecível,  
Um presente que não se conserva.

Tenho tempo, Senhor,  
Tenho todo o meu tempo,  
Todo o tempo que me das,  
Os anos de minha vida,  
Os dias de meus anos,  
Os minutos de meus dias,  
São todos meus,  
Cabe-me preenchê-los  
tranquilamente,  
calmamente,  
Mas preenchê-los inteirinhos, até à borda,  
Para dá-los a Ti,  
- e que, da água sem sabor  
faças um vinho generoso  
como outrora, em Caná,  
fizeste para as bodas humanas.

Nesta noite eu não te peço, Senhor, o tempo de fazer isto e depois aquilo,  
Peço-te a graça de fazer, conscienciosamente, no tempo que me das,  
O que queres que eu faça.

8. Não temos tempo. Não temos tempo pra nada. Falta de tempo parece uma doença endêmica. Até o atendimento da Pamen fica sacrificado, porque não temos tempo. Não temos tempo para o atendimento familiar. Não temos tempo sequer para Deus. Por isso, vivemos numa correria sem fim. Então o Retiro Espiritual, o recolhimento e a oração tornam-se mais necessários para superarmos as forças negativas e nos realizarmos como pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus e nos identificarmos a Cristo. Que este Retiro Espiritual seja muito útil, proveitoso. Antes de tudo, que Deus ilumine o Pregador e o abençoe. E que todos vocês entrem realmente no espírito de Retiro Espiritual. Para isso é absolutamente indispensável o silêncio interior. O silêncio interior é necessário para o bom resultado, os bons frutos de um Retiro. É preciso fazer um longo e profundo silêncio interior, um silêncio ansioso de ouvir a Deus. Então e só então, aos poucos, Ele começa a falar suavemente, amorosamente, ao nosso coração, que escuta como discípulo.

9. A Sagrada Liturgia nos ajuda muito a entender a importância do silêncio interior. A antifona de entrada da Santa Missa de 30 de dezembro, na Oitava de Natal, sempre me impressionou muito na minha juventude. Ela reproduz as palavras do Livro da Sabedoria 18, 14-15, com uma pequena adaptação: "Enquanto um profundo silêncio envolvia todas as coisas e a noite ia no meio do seu curso, desceu do céu, ó Deus, do seu trono real, a vossa Palavra Onipotente". No silêncio de todas as coisas, no silêncio do universo, Deus se



volta para a humanidade. Sua palavra onipotente vem ao mundo e se faz carne. Todo o universo silencia, quando Deus se move na direção do homem. O silêncio da criatura diante do Criador é um silêncio de adoração, respeito e atitude de discípulo que escuta. O mesmo podemos ler no profeta Habacuc 2,20: "O Senhor está em seu santuário sagrado: silêncio diante dele, ó terra inteira". É sempre a atitude de profunda adoração e da necessidade de estar atento à palavra do Senhor, em silêncio. O mesmo lemos ainda no profeta Sofonias: "silêncio diante do Senhor Deus, pois o dia do Senhor está próximo... Ele santificou os seus convidados" (1, 7). É o silêncio para ouvir as palavras do julgamento divino. Muitos outros textos sagrados poderiam ser lembrados, como Zacarias 2, 14. 17. É sempre o silêncio diante de Deus quando fala ou está para agir em favor de seu povo.

10. Jesus retirava-se no silêncio da noite e ia às montanhas para encontrar-se com o Pai, na oração. Momentos de profunda intimidade do Filho divino com seu Pai celestial. No silêncio do ambiente e do coração, longe dos rumores da vida humana e social, Jesus ouve seu Pai, para depois proclamar ao mundo esta Palavra divina. Jesus, enquanto homem, é como que um discípulo perfeito do Pai. Ele é a própria Palavra do Pai. Grande mistério, gerado desde toda a eternidade, como escreve o Apóstolo na Carta aos Romanos: "um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todos os gentios para leva-los à obediência da fé" (16, 25-26).

11. Maria, Mãe de Jesus, modelo de discípula, também guardava no silêncio de seu coração as manifestações do mistério de seu Filho Divino. "Maria, porém, guardava todas estas coisas, meditando-as em seu coração" (Lc 2,19). Idêntica referência conclui o episódio da perda de Jesus no templo. "Sua mãe guardava todas estas coisas no coração" (Lc 2, 51b). No silêncio do coração, Maria penetrava no mistério de Deus, manifestado em seu Filho Jesus.

12. Por sua vez, todos os autores espirituais, os santos e os místicos, através dos séculos, insistiram e insistem na importância do silêncio interior e exterior para podermos acolher o mistério de Deus e sermos por Ele iluminados e instruídos. O Retiro, na verdade, é um tempo propício para o silêncio diante de Deus. É ele, sem dúvida, que assegura o pleno êxito do Retiro.

13. Acredito que só no silêncio do coração o Retiro se transformará num encontro forte e pessoal com Jesus, um encontro que renova nosso relacionamento pessoal com Ele e assim renova nossa fé e aprofunda nossa conversão a Ele. Quem não precisa de conversão? O Retiro deve significar para cada um de nós um encontro com Jesus, um encontro forte e pessoal, que marque a vida de cada um de nós o resto do ano, até ao próximo Retiro, ou melhor ainda, marque para sempre nossa vida. Um encontro que signifique adesão pessoal a Cristo, um encontro que suscite uma fé mais firme e provoque a conversão. Por em prática as exigências do Evangelho se transforma numa tarefa muito difícil, se antes não tivermos um encontro pessoal com Jesus Cristo e, conseqüentemente, iniciarmos um forte relacionamento pessoal com Ele e assim nos tornarmos seus discípulos. Foi o

que aconteceu com os dois primeiros discípulos. Proponho, se possível, a "leitura orante" ou bem refletida de: Jo 1, 35-39.

14. No encontro com Jesus que o Retiro nos propõe "queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do Evangelho... A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus... Conhecer a Jesus pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher" (Apa 28, 29, 18). Iluminados por Jesus "o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. Lc 10, 25-37), recordando que a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã" (Apa 26).

## 2ª REFLEXÃO O DESERTO: OUVIR DEUS

### I. O deserto na Bíblia

1. A Bíblia, mesmo sem nunca empregar esse termo "Retiro Espiritual", nos oferece muitos elementos e muita ajuda para maior aprofundamento e compreensão do Retiro e de seu significado em nossa vida. Dentre inúmeros elementos, sugiro o do deserto. Sem dúvida, deserto é um termo bíblico muito usado na reflexão teológica, pois é cheio de significados. A geografia o define como lugar ermo, desabitado, seco e arenoso e por isso sem vegetação e imprecioso à agricultura. Animais selvagens o povoam. O deserto sempre oferece riscos e perigos. Fome, sede, serpentes cuja picada é fatal etc. caracterizam o deserto. De sorte que ir ao deserto ou andar pelo deserto é aceitar a idéia de correr risco. É sempre arriscada aventura que, não obstante, atrai e fascina alguns destemidos ou apaixonados aficionados dos desafios.

Para melhor entender a variedade de significados do conceito "deserto", ouçamos essa esclarecedora lição de Bento XVI. "Existem tantas formas de deserto. Existe o deserto da pobreza, o deserto da fome e da sede, existe o deserto do abandono, da solidão, do amor destruído. Existe o deserto da obscuridade de Deus, do esvaziamento das almas sem mais consciência da dignidade e do caminho do homem. Os desertos exteriores multiplicam-se no mundo, porque os desertos interiores fizeram-se tão amplos".

2. Mas, a partir da Bíblia, a partir de certa perspectiva bíblica, deserto é o lugar do nosso encontro pessoal com Deus. É momento de discernimento, da



alimentação de nossa fé, da reciclagem espiritual, da purificação do coração. Na Bíblia, o deserto pode ser entendido como o caminho para a realização das promessas messiânicas. Este foi o grande significado da travessia do deserto pelo povo de Israel, quando liberto da escravidão do Egito. Para chegar à Terra Prometida, à liberdade tão sonhada, ao retorno à pátria chorada – “junto aos rios de Babilônia, nos sentamos a chorar, com saudades de Sião” (Sl 137, 1) – para reconquistar a liberdade, o povo de Israel teve que passar pela experiência do deserto.

3.No entanto, observemos essa particularidade: mesmo no sentido bíblico, deserto é um termo de significado ambivalente. Revela uma perspectiva sempre dialética: ao mesmo tempo em que revela as manifestações de Deus, seu poder libertador, lembra a fraqueza humana diante das tentações. Assim, deserto é lugar de tentação, de provação, além do lugar do nosso encontro pessoal com Deus. Seja como for, é sempre momento de discernimento, de purificação do coração, do holocausto, da alimentação da fé e do silêncio. No deserto, há sinais de Deus e das experiências mais íntimas com Deus. Deserto é lugar da grande pedagogia de Deus. Deus se manifesta no deserto. Moisés e João Batista que o digam. Precisamos, também nós, fazer o caminho do deserto para chegarmos à “terra onde corre leite e mel” (Jr 32, 22). Foi no deserto que Javé apareceu a Moisés para confiar-lhe a missão de libertar o povo hebreu da escravidão do Egito.

4.Mas, logo de início, Javé pede a Moisés para tirar as sandálias. (cf. Ex 3, 1-6). E daí para frente, Moisés terá de tirar muito mais que só as sandálias. Terá que se desfazer de muitas outras coisas: do sossego da vida pastoril na propriedade de seu sogro Jetro; da tranquilidade longe do faraó e do medo de comparecer perante o poder opressor; também do desânimo, da impaciência etc. Pensemos então: não é que o mesmo pode acontecer ou está acontecendo comigo? Quantas vezes, terei também eu de “tirar as sandálias”, de tirar algo mais que as sandálias? Terei de me desapegar de qualquer coisa que queira me afastar do caminho da vida cristã, dos meus compromissos, de minha vocação; terei de tirar, por exemplo, as sandálias do desânimo ou do simples conformismo, da omissão, do exagerado apego a novelas; tirar, sobretudo, as sandálias de tudo que possa me afastar de Deus: erros, vícios, pecados...

5.Voltemos ao que disse há pouco: no sentido bíblico, deserto é um termo de significado ambivalente. Vejam: ao sair do Egito, ao fugir da opressão, o povo de Israel avança deserto adentro. Mas como foi difícil, complicado o caminho

do deserto para o povo saído do Egito. Teve que enfrentar a aridez, uma série de dificuldades, tentações e quedas. Depressa teve até vontade de retornar à escravidão, “às cebolas e alhos do Egito” (cf. Nm 11, 5), e comete inúmeras infidelidades e revoltas. Levanta contínuas queixas contra Moisés, até mesmo contra Javé; entrega-se à grave idolatria do bezerro de ouro (cf. Ex 32) etc. Difícil e penoso foi o processo para que o sonho de libertação amadurecesse mesmo no coração do povo hebreu. De sorte que o deserto para Israel foi um caminho de provação e de conversão. E mesmo após a entrada na “Terra prometida”, Israel se vê às voltas com vícios adquiridos e trazidos da escravidão. Não foi fácil para Israel ter de lutar e vencer os muitos “demônios” da escravidão, que o perseguiram no deserto. Seja como for, deserto passa a significar “caminho de conversão”. No deserto se manifestam os desejos de idolatrar objetos, coisas, mercadorias, pessoas. No deserto a fome é uma constante ameaça. A falta de alimento é sempre – como foi no passado – uma tentação para a busca do outro caminho, para desviar o destino de seus peregrinos. No deserto a sede é suficiente para uma “ladainha de maldições” contra Javé e contra as lideranças libertadoras.

## II. Jesus e o deserto

6.Jesus também viveu a experiência do deserto. Jesus retirou-se para o deserto (cf. Mt 4, 1-11). Reflitamos: Jesus vai ao deserto. Lá é tentado pelo demônio. Sem dúvida, os 40 dias de Jesus no deserto nos recordam a travessia dos 40 anos do povo hebreu. No deserto, Jesus se põe frente a frente com a solidão e com as necessidades humanas. Os desejos obscuros do corpo se confrontam com as clarezas do espírito. E Jesus trava uma forte luta contra o demônio. A tríplice tentação toca nos pontos nevrálgicos da humanidade: ter, poder e prazer. Mas a solidão, longe de causar medo, apresenta-se como o caminho para reafirmar a missão. As tentações estão no caminho. Não são o caminho, são antes seus desvios, às vezes sem retorno. As tentações! É preciso superar as tentações. E como Jesus as superou! Com oração, mortificação (jejum), apoio na Palavra de Deus: “está escrito: não só de pão vive o homem, mas de toda palavra saída da boca de Deus” (Mt 4, 4) se obtém a prontidão nas decisões. Nas tentações de Jesus, aparece esta relação que é confirmada através da rejeição àquele que se encontra em oposição radical com Deus. É justamente aqui que aparece a firmeza e a certeza do relacionamento de Jesus com Deus, já que neste confronto se revela de uma vez por todas que Jesus está da parte de Deus. A tentação, o peso, a prova estão presentes e é necessário tomar posição e abraçar uma firme decisão. O modo como se comporta Jesus mostra seu relacionamento com Deus. Ele responde de modo tranquilo, seguro, firme. Demonstra com absoluta clareza o que é válido e necessário. No seu comportamento, não se pode notar nenhum



medo, nenhuma impaciência e nenhum conflito interior. A cada proposta do tentador, Jesus dá o seu ponto de vista. Assim, ele demonstra a certeza e a clareza de seu relacionamento com o Pai. Tudo aquilo que o Pai havia dito dele é confirmado aqui pelo seu comportamento.

Agora, vamos ao nosso caso.

### III. O Agente da PAMEN no deserto

7. Deserto para nós se apresenta como espaço de conflito entre o ideal de um comprometido agente de pastoral e as incoerências vividas, as dificuldades e fragilidades experimentadas. Não só isso. Deserto é tomada de consciência do que se deixa para trás. O que deixo eu para trás? Os hebreus deixaram o Egito, isto é, a escravidão, o degredo, o trabalho escravo, ainda que com panelas cheias de alho e cebola. E eu? Deixo ou devo deixar algo para trás, para me fortalecer do novo que desejo assumir. Para o agente da Pamen deserto é seguir Jesus e manter um relacionamento de proximidade, de intimidade com Ele, de absoluta confiança nele e de compromisso com as crianças e adolescentes em situação de risco. Deserto é ruptura com as “miragens” de um trabalho excessivamente desafiador, de alto risco no confronto com autoridades policiais e judiciárias, confronto com os “faraós” dos tempos atuais, sem muita perspectiva de bom resultado. É preciso muita coaragem e agir prontamente. Tirar sandálias. Agente da PAMEN, tira as sandálias e vai enfrentar o faraó.

8. Dessa forma, o “deserto” assume para nós um sentido todo especial. Fundamentado na Bíblia, significa (deve significar) um desejo sincero e responsável de recolhimento, de retiro no sentido mesmo de afastamento, de distanciamento do barulho, da rotina, do corre-corre diário, na busca de reciclagem do coração, de “encontro íntimo e pessoal com Jesus”, visando sempre refazer nossas energias e disposições para o trabalho com crianças e adolescentes. Portanto, mais que um lugar físico, o deserto assume a conotação de “lugar teológico”. O deserto então se apresenta como lugar e fonte de alimentação da fé, de renovação interior, de alimentação da mística, de revigoração da espiritualidade, isto é, da purificação da alma. Na sua mais genuína compreensão, como no caso de Moisés, o deserto assume a dimensão libertadora como “êxodo do pecado” ou senão da rotina, do deixar fazer, para ser verdadeira conversão, purificação interior. Então, nosso Retiro Espiritual é um retirar-se para além do deserto. É um tornar-me livre... das amarras... quais?

9. A experiência do deserto é ainda uma experiência da gratuidade do amor de Deus. Esse tempo de gratuidade surge do encontro amoroso com o Senhor. O encontro amoroso se faz no silêncio, no recolhimento, na atitude de contemplação, na oração, enfim nessa ida ao deserto. Uma coisa é falar de Deus, outra muito diferente é falar a Deus, abrir-se a Ele, estar com Ele, senti-Lo próximo. Essa é uma experiência mística, porque leva a pessoa a abrir-se, a deixar-se tomar pelo mistério e pode proporcionar um esvaziamento, uma “kénosis” da pessoa que, acolhendo plenamente Deus no seu interior, deixa-se estar em suas mãos. Esta experiência acaba afastando ou mesmo vencendo os demônios circundantes. Que demônios? O egoísmo, as falsas seguranças, a prepotência ou excessiva autovalorização, a autossuficiência, o orgulho, o poder e a ganância, enfim, o demônio da sensação de superioridade moral e ética, o culto à própria personalidade, a satisfação dos prazeres ou do gosto pessoal. Daí que, além de ser um lugar teológico, o deserto assume a característica de privilegiado momento de silêncio interior, de escuta, de caminho para a solidão da convivência humana, uma necessidade de romper com o corriqueiro, o costumeiro, habitual, com o pecado, para buscar Deus.

10. Deserto pode também significar até um momento de encontro com os demônios. No sentido, evidentemente, de luta renhida contra eles, para o fortalecimento da missão que nos é confiada. Na verdade, às vezes, pode ser que até uma “legião de demônios” ande em nossa volta. Tomemos cuidado! Além dos demônios exteriores, toda personificação do mal, existem os demônios interiores, como há pouco lembrei citando Bento XVI. Para se dar conta de que eles existem, de que eles estão aí a nos ameaçar – como lembra S. Pedro: “procurando a quem devorar” (1Pd 5,8) – é preciso retirar-se para o deserto. Eles – esses tais demônios – não se manifestam, digo melhor, não se deixam perceber no tumulto, no barulho diário, na correria dos deveres a cumprir. Aliás, é aí que eles se escondem ou se disfarçam: no meio de muito barulho, do corre-corre diário. Sabemos que eles detestam o silêncio, porque sabem que aí é que podem ser percebidos e vencidos, com maior facilidade.

11. Essa condição que vocês vivem, condição, isto é, de quem sonha com o mundo melhor, mais humano, mais fraterno, de quem se sente já a caminho – essa condição é um dom de Deus, uma graça divina, procede da profundidade do inefável mistério de Deus. Tomemos consciência de que tudo em nossa vida, nossa vocação, nossa identidade de agentes da PAMEN nasce do amor do Pai, da graça de Jesus Cristo e da ação santificadora e unificante do Espírito Santo e da solidariedade humana.



12. Em particular, o Retiro Espiritual constitui ocasião muito valiosa de crescimento espiritual; de oração mais prolongada e calma, para reencontrar vigor de motivações para a fidelidade e a perseverança em nossos trabalhos, especialmente para clarear um pouco e revigorar nossa espiritualidade. Sem espiritualidade é inútil tentar. Vem o cansaço, o desânimo, o descompromisso etc. Daí que o Retiro Espiritual sempre foi e conserva sua atualidade como meio clássico, eficaz, que nada perdeu de seu valor não só para assegurar a formação espiritual, mas ainda, para promover e sustentar uma contínua fidelidade e generosidade no compromisso pastoral.

13. Quanto a nós, devemos nos orientar através da clareza e da decisão de Jesus. Não podemos nos enganar, pensando que estamos livres de uma luta cansativa com o tentador. Porém, hoje recebemos esta boa notícia: existe alguém que permanece fiel a Deus. Mesmo que não resistamos à prova e caiamos frequentemente, só o fato de que há alguém que permanece firme e fiel a Deus nos deve infundir alegria e coragem. As tentações não foram para Jesus um jogo de ficção, foram verdadeiras provas, como existem para o cristão e para a Igreja. E justamente por ter sido verdadeiramente provado, Jesus é exemplo e pode vir em ajuda de quem está na luta e sujeito à prova. Jesus realmente lutou contra satanás sobre a escolha de possíveis métodos e caminhos para realizar sua missão de Messias. As três tentações são uma síntese significativa de um longo período de luta contra o mal, sustentada por Jesus nos 40 dias de deserto e durante toda a sua vida, compreendida a cruz. As tentações representam modelos diferentes de Messias, e, portanto, para nós também de missão. Para Jesus as tentações eram três saídas para não passar pela cruz. Uma relacionada com as coisas materiais, outra com as pessoas e outra com Deus mesmo.

14. Por ora e para concluir, é bom lembrar que Retiro é sempre uma boa ocasião de encontro, depois de possíveis desencontros. Temos um só Senhor, uma só fé, mas cada um com sua cabeça e seu coração. Retiro é tempo de comunhão e de conversão. Ou então não é Retiro. Agentes da PAMEN, certamente temos nossas falhas e pecados. Naquele tão conhecido livro: "A Europa de João Paulo II", o Papa dizia: "devemos fazer um exame de consciência para ver onde nos desviamos do Evangelho". Nosso Retiro pode nos questionar neste ponto. Teria eu me desviado, nem que seja um pouco, de minha rota pastoral, cristã e paroquial? Desviei-me da minha identidade de agente/educador/a da Pamen?

### 3ª REFLEXÃO

#### ESPIRITUALIDADE DO/DA AGENTE DA PAMEN

1. O que leva o lampião a não mais iluminar? O que impede a lamparina de manter acesa sua chama? O automotor funciona sem o combustível? Por exemplo, o automóvel se move sem gasolina? Popeye venceria Brutus sem o espinafre? Daí, me pergunto: o que leva o/a Agente da PAMEN a não se comprometer mais, a desanimar a meio caminho, a abandonar seu belo trabalho e a não perseverar? Ou talvez pior ainda: a ficar vegetando, tocando as coisas na maré mansa, sem maior compromisso, "nem frio nem quente", como deplora o Apocalipse. Permita Deus que jamais venham a faltar aos nossos/as agentes da PAMEN o gás do ardor perseverante, o querosene espiritual, o combustível da graça divina, a gasolina da imolação constante, o espinafre da força de Deus. Mas onde encontrar todos esses elementos que mais parecem uma receita divina? A resposta é simples e se resume numa única palavra; espiritualidade.

2. Espiritualidade é um tema que perpassa como eixo transversal todas as pastorais. Algumas pastorais até criaram uma sua espiritualidade própria, visando a sólida formação e a perseverança de seus agentes. É tema, pois, de grande importância para todo agente de pastoral. A espiritualidade tem efeito parecido com o gás do lampião, o querosene da lamparina, a gasolina do automóvel, o espinafre de Popeye. Sem uma espiritualidade autêntica e sólida, com facilidade, o agente da Pamen cai no desânimo, não vai muito longe, age mais por rotina, facilmente se desilude e perde o sentido de seu trabalho, como tem acontecido não muito pouco por toda parte e em todas as pastorais. Quase que posso generalizar, mas, com raríssimas exceções, sempre que um/a agente desanima e abandona seu trabalho o problema é a falta de uma sólida espiritualidade. Que pesar!

3. Consideremos ainda o seguinte: de há muito a CPT criou sua espiritualidade própria. Assim também outras pastorais ou Movimentos, por exemplo, o Movimento Focolare fala da espiritualidade focolarina, criada por Chiara Lubik. O Neo-catecumenato fala também de uma espiritualidade toda sua. Assim os Cursilhistas, assim a Pastoral dos Enfermos que já estabeleceu como própria a espiritualidade da saúde ou a espiritualidade do Bom samaritano. E por aí vai a história, de maneira que poderíamos falar de espiritualidades no plural. As antigas ordens religiosas tem todas elas sua espiritualidade própria, a partir de um elemento que as caracteriza. Por exemplo, a espiritualidade dos Beneditinos é a espiritualidade do canto, isto é, os Beneditinos cantam a sua espiritualidade. A simplicidade é a espiritualidade dos Franciscanos. Eles simplificam as coisas, a vida, tudo enfim, e na simplicidade franciscana vão conquistando o mundo e ganhando a salvação. Os Dominicanos intelectualizam tudo, até as mínimas coisas da vida, dados que são a estudos muito profundos. Portanto, vivem a espiritualidade intelectual. Os Carmelitas veneram e louvam a Mãe de Deus. Os Jesuítas atuam a sua espiritualidade, isto é, vivem a espiritualidade da ação, nada estático. Certa ocasião, líderes desses cinco grupos religiosos rezavam numa Igreja e a luz apagou. O que fizeram? Os beneditinos rezaram e cantaram salmos pedindo milagre. Os Franciscanos nem tavam aí, aceitaram sem o mínimo constrangimento. Os Dominicanos pensaram em publicar uma moção de protesto. Os Carmelitas bateram palmas e deram vivas à Mãe de Deus. Os jesuítas saíram imediatamente para comprar um lampião. E você, Agente da Pamen, o que faria?



4. Por certo, existe a Espiritualidade da Pamen. Como não? Vocês já ouviram falar dela? Ela está bem caracterizada nos documentos: Princípios, Diretrizes e Organização da Pamen, e bem destacada no PROJETO POLÍTICO DA PASTORAL DO MENOR.

Verdade é que esses documentos da Pamen não empregam a palavra ESPIRITUALIDADE. Mas de outra forma ou com outro nome nossa espiritualidade está bem determinado nos dois documentos da Pamen. A espiritualidade da Pamen é determinada pelo termo a Mística, o primeiro dos quatro Eixos Fundamentais do Projeto Político. E é o que se deduz também da fundamentação bíblico-teológica do mesmo Projeto. Poderíamos dizer que Mística é o termo jurídico, o rosto visível, a feição teológica da espiritualidade do Agente da Pamen. Espiritualidade-Mística eu as vejo assim, numa comparação muito simples. A espiritualidade ou mística está para a ação pastoral como o azeite ou o óleo ou o querosene estão para a lamparina. O que queremos é a luz, a iluminação. Mas sem o óleo ou o querosene não se tem a luz.

5. Não podemos viver sem a dimensão espiritual. O ser humano não é só matéria. A dimensão espiritual ou espiritualidade é um componente essencial da vida cristã. É ela que dá vida a tudo que fazemos. "A carne para nada serve; o espírito é que vivifica" (Jo 6, 63). Poderíamos ainda fazer a seguinte reflexão: a espiritualidade se especifica pela mística, mas a mística se sustenta pela espiritualidade. A espiritualidade é o fundamento da mística cristã. Portanto, esta se apoia e busca sua força e razão de ser na espiritualidade. No entanto, a mística é o específico. É ela que dá feição, rosto e colorido à espiritualidade própria da Pamen. Então podemos afirmar que temos nossa espiritualidade própria, porque temos uma mística específica.

6. Nossa espiritualidade consiste em viver como Jesus viveu. Viver o estilo de Jesus: em profunda comunhão com Deus e com os irmãos, especialmente com as crianças e adolescentes em situação de risco. S. João em seu evangelho (cf. Jo 13, 4-5) relata um episódio sem precedentes que realça o estilo de Jesus agir: ensinar fazendo. Na Quinta-feira santa, enquanto ceava com os discípulos, Jesus tirou o manto, cingiu-se com um avental e, inclinando-se diante de cada discípulo, pôs-se a lavar-lhes os pés. Ao final, arrematou: "eu lhes dei o exemplo para que vocês façam como eu fiz". Este surpreendente gesto de Jesus ficou conhecido como a lição do avental. O avental da Última Ceia anuncia que a vida de Deus é, primeiro lugar, humilde e desprendido serviço. É lição de humildade, lição de serviço, lição de disponibilidade. É a marca registrada da Pamen. Avental não é para ficar limpinho e bem guardado no guarda-roupa. É para uso diário. Vestir o avental é passar da lógica do comodismo à lógica do serviço alegre e dedicado. Viver a lição do avental é deixar-se guiar pelo Espírito, no amor e no serviço aos menores e excluídos da sociedade, e despir-se de todo sentimento de vaidade, de superioridade; é vencer a tentação da rejeição. Fala-se em mística do avental. Mas é sempre bom recordar que é a espiritualidade que a sustenta e anima. Vem de novo a consideração: a espiritualidade dá vida e anima os agentes de Pamen e nos leva a manter fidelidade ao projeto de Deus, no seguimento de Jesus, de seu

estilo de ser e de agir, e vestir com alegria o avental da Última Ceia. Espiritualidade é força renovadora que atua no interior do agente. Atinge-o no mais íntimo de seu ser. Renova o agente por dentro ou a partir de dentro de si mesmo. Liga a vida com a fé. É a força interior que nos leva a comprometer-nos com a realidade nua e crua de nossas crianças e adolescentes excluídos dos benefícios do progresso humano. Espiritualidade é um modo de ser cristão que anima a luta em favor dos empobrecidos e injustiçados, deixando-se conduzir pelo mesmo espírito de Jesus para assumir o risco da história. Sem uma forte espiritualidade a própria mística torna-se anêmica. A Espiritualidade é o elo que dá vida a nossas desafiadoras atividades e nos leva a manter fidelidade ao Evangelho e ao Espírito Santo. A espiritualidade nos leva a desenvolver e viver outras virtudes indispensáveis à vida cristã, tais como a prudência, a paciência, a capacidade de escutar e dialogar com o diferente, o respeito ao outro, a alegre disposição para o serviço e, sobretudo, a persistência, a perseverança frente a toda adversidade ou oposição.

7. Fonte essencial ou princípio vital de toda espiritualidade é, sem dúvida, o Espírito Santo, o Espírito de Jesus, Espírito da verdade e do amor. Na variedade de dons e carismas, é sempre este único e mesmo Espírito que opera tudo em todos. Espiritualidade, portanto, é um abrir-se ao Espírito Santo. É preciso deixar-se conduzir pelo Espírito, o Único capaz de transformar tímidos discípulos em testemunhas corajosas, atentos aos sinais da presença do Reino em meio a tanta contradição. É preciso saber ouvir o que o Espírito diz. É preciso estar atento a ser dócil às suas inspirações. Esta docilidade ao Espírito exige do agente contínua revisão de vida, para que suas atitudes correspondam aos apelos que lhe chegam da realidade. Um grande teólogo oriental contrapõe com rara lucidez e beleza de raciocínio a história humana sem e com o Espírito Santo. Diz ele: ... "sem o Espírito, Deus fica longe. Cristo permanece no passado, o Evangelho é letra morta, a Igreja, uma simples organização; a autoridade é domínio, a missão é propaganda; o culto, simples lembrança, e o agir cristão é uma moral de escravos. Mas, no Espírito, o mundo aguarda o reino, o homem luta contra o mal, Cristo ressuscitado está presente, o Evangelho é força vital, a Igreja manifesta a comunhão trinitária, a missão é pentecostes, a autoridade é serviço, o agir humano é divinizado. O Espírito atrai pra a segunda vinda de Cristo. Com Ele, a Igreja e o mundo inteiro gritam com todo o seu ser: Vem, Senhor Jesus!"

8. Vivamos a teologia do Espírito Santo, que nada mais nada menos é que a teologia da Espiritualidade. Até aqui, nada de mais. Todos nós, já pelo batismo, somos chamados a viver esse programa de vida, esse tipo de espiritualidade comum a todos. A espiritualidade começa a diversificar-se à medida que, na hora do escuro, quando a luz se apaga, um conserva a mesma serenidade e confiança em Deus, outro bate palmas e aclama, um terceiro reza um salmo penitencial, outro enfim sai apressadamente para comprar uma lâmpada e há aqueles que, com luz acesa ou apagada, optam decisivamente pelo menor abandonado. Mas sabe muito bem a Pamen que não adianta dar comida e abrigo às crianças se ao mesmo tempo não existir um compromisso decisivo de mudar as estruturas que geram as situações de exclusão. Do contrário, cairíamos no assistencialismo. Isso não é Pamen. É exatamente diante desse desafio que o agente da Pamen vai buscar energias, coragem, disposição na espiritualidade que o anima, estabelecendo um diálogo cotidiano com Deus.



9. A reflexão sobre a espiritualidade da Pamen nos conduz como consequência natural ao tema da Mística da Pamen, a saber, aquele aspecto particular, próprio ou específico de nosso agir como agentes/educadores/as da Pamen. De forma simples e imediata, direi que a mística da Pamen é a do Bom Pastor, do Samaritano e do avental da Última Ceia. Cada agente da Pamen deve fazer-se Samaritano e Bom Pastor e por o avental. O carinho do Bom Pastor, que traz aos ombros a ovelha desgarrada; a corajosa solidariedade do samaritano acudindo um desconhecido (poderia ser até mesmo um marginal); a disponibilidade de quem põe o avental são características do agente da Pamen. São atitudes evangélicas que devem ser motivação ou inspiração para o agir do agente da Pamen, sua consagrada mística. É que a mística responde à provocadora pergunta: qual a razão última ou motivo determinante que me leva a agir dessa maneira, segundo uma metodologia toda própria e critérios específicos desta pastoral? Resposta: faço ou ajo dessa maneira porque assim agiu Jesus. De acordo com o nosso Projeto Político (pág. 23), mística "é a força do Espírito da vida, agindo em nós, que dá entusiasmo e ânimo para o trabalho. É uma espécie de motor secreto do compromisso do agente com as meninas e menino empobrecidos, que sustenta sua esperança e dá forças para continuar agindo". Permito-me insistir e repetir: a mística é o modo de ser, de pensar e de agir que faz com que o agente se sinta envolvido constantemente com uma causa que é essencial, um motivo que impulsiona a ação, a vida. A mística da Pamen é esse motivo escondido que responde à pergunta: por que faço aquilo que faço? É através de sua mística que a Pamen se manifesta como presença da Igreja na defesa da vida. Essa aproximação torna a presença da Graça Libertadora algo concreto, histórico. É o lado divino presente no mundo da desgraça para libertá-lo. A mística dá rosto, feição e colorido à nossa espiritualidade. Dom Luciano nos propõe interessante reflexão a partir da motivação ética. Ao organizar a Semana Social Brasileira vem espontaneamente a pergunta: qual a missão própria da Igreja? Responde Dom Luciano: "A missão da Igreja está relacionada com a motivação ética. Falar de ética todos podem e devem, mesmo porque até hoje se falou pouco desse aspecto fundamental da vida humana e da ação pastoral. A ética, no fundo, trata da coerência da pessoa com a sua dignidade e do respeito à dignidade dos outros. Há quem vive valores éticos sem fundamentá-los nas convicções religiosas. No entanto, ao campo da ética a Igreja acrescenta uma motivação própria. É a motivação brotada da fé. Comprometer-se com a promoção integral do ser humano é para nós cumprir a vontade de Deus, respondendo ao projeto criativo de Deus. É o imperativo da fé. Ao promover a dimensão ética, a Igreja, além de buscar a coerência da pessoa com a própria dignidade (o que é dever de todos), além de responder ao projeto criativo de Deus em comunhão com os que alcançam o nível religioso dos valores éticos, a Igreja realiza ou procura realizar a imitação de Cristo. "Eu lhes dei o exemplo para que vocês façam como eu fiz" (Jo 14, 15). Portanto, o agente da Pamen amplia o campo de seu compromisso social, incluindo ou assumindo aí as exigências do amor evangélico ou o exemplo e a ordem do próprio Jesus. É esta nossa originalidade. A um simples imperativo ético acrescenta-se o mandamento do amor fraterno. Sirvanos de exemplo até mesmo a questão ecológica. Alguns assumem um teor de vida mais austera para lutar contra o consumismo que destrói a natureza. É uma exigência ética. No entanto, em virtude da motivação cristã, para nós há algo mais. Não se trata apenas de evitar o consumismo

para conservar e preservar a natureza, por exemplo, a Amazônia, mas de assumir uma vida mais simples e austera para partilhar com aqueles que nada têm, à imitação de Jesus".

10. Outro exemplo simples e esclarecedor: uma criança passa pela rua chorando. Qualquer pessoa se entenece, se compadece diante de um pequenino faminto, abandonado, sem lar, violentado às vezes, sem perspectivas de futuro, sem saúde, visto sempre com certa suspeita. Qualquer pessoa razoavelmente sensível deseja fazer algo por aquela criança. Até aqui há um denominador comum. Porém, a situação começa a mudar de aspecto quando percebo que a criança é filha de minha lavadeira ou de gente de meu bairro ou da minha rua, é aluna de minha escola ou mesmo é minha aluna etc. Já não a vejo como estranha. É que foram surgindo situações que me fazem diferenciar aquela criança de outra qualquer. E se a consciência cristã me diz algo mais? Por exemplo, não só que aquela criança é filha de meu vizinho ou de minha lavadeira ou aluna da escola onde leciono, mas é filha de Deus? Avançando mais: e se a fé me diz que Jesus se identifica com aquela criança? Que eu posso e devo ver Jesus e servi-lo naquela criança? Muda completamente, não? Eis a originalidade da ação cristã, da ação pastoral, que estabelece distinção entre a maneira de agir do Delegado, do Promotor, do agente policial ou até mesmo do Conselheiro Tutelar e o agir do/da agente da Pamen.

#### AMAR COMO JESUS AMOU

(Texto de Dom Luciano Mendes de Almeida)

"No coração pequenino de uma criança está presente o próprio Deus. Quem o vê? O agente da Pastoral do Menor percebe à luz da fé não só a dignidade das crianças, amadas por Deus, mas a predileção de Deus pelos pequenos. Ele nos ensina a amar e respeitar as crianças, ajudando-as a descobrir sua própria dignidade. Ao encontrarmos uma criancinha perdida na rua, sentimos o dever e o desejo de auxiliá-la. Quem não experimenta a compaixão e procura fazer o bem? Mas, ao percebermos que esta criança é filha de um grane amigo nosso, cresce em nós a vontade e o empenho de ajudá-la. Já pensamos que cada criança é filho/a de Deus? Na palavra de Deus encontramos o ensinamento de Jesus sobre o valor divino de cada pessoa. Nasce, então, em nós um comportamento especial, um "espírito" que nos move e nos torna parecidos com Jesus no modo de tratar as crianças e a todos e faz-nos experimentar o amor materno de Maria pelos pequeninos. Quem percebe isto se deixa possuir por esta "espiritualidade", adquire uma visão mais penetrante da realidade, e uma força maior para o bem, constância e coragem sem precedentes, capacidade de enfrentar e superar as dificuldades. O agente da Pastoral do Menor, movido pelo espírito de Cristo, vive esta "mística" do amor gratuito e universal, de doação cada vez maior ao próximo e o anseio de criar condições de vida digna para que todas as crianças possam ser amadas de verdade por nós e descobrir que são amadas por Deus. Esta ternura, este carinho, este compromisso pela criança pobre e desamparada, pelo



adolescente desorientado, vem de Deus e faz-se visível na Igreja pelos agentes da Pastoral do Menor. Esta é a nossa identidade. Você vai... compreender melhor tudo isso."

11. A partir dessa reflexão tão esclarecedora de Dom Luciano, entendemos e admitimos que motivações próprias de um Delegado, Promotor, agente policial ou outra pessoa qualquer podem estar dentro do coração do agente da Pamen, podem e devem ser motivações justas, humanas e, portanto, éticas, mas só a fé me leva a agir de maneira diferente, vendo e servindo a Jesus nos pequeninos, nos adolescentes violentados e excluídos, com os quais Jesus mais se identificou. A isto precisamente chamamos de Mística: a motivação última e maior de todo o nosso agir pastoral. Isto define nosso papel como agentes da Pamen e nos consente afirmar que temos algo de nosso, muito específico, a propor aos outros grupos que também lutam em defesa da criança e do adolescente empobrecidos. Com a nossa mística já não somos tão somente um grupo a mais, comprometido com crianças e adolescentes. Temos uma fisionomia própria e uma proposta de ação muito concreta que nos caracteriza e dá sua contribuição específica na luta a favor dos pequeninos abandonados, massacrados, perseguidos e ameaçados, os prediletos do Reino. Dizia ainda Dom Luciano noutra ocasião: "Ao tratarmos de temas sociais, da promoção da justiça e da paz, da defesa de crianças e dos adolescentes empobrecidos e de outros, é possível que tenhamos muitos pontos comuns com outros grupos, decorrentes da dignidade da pessoa, mas somos chamados a oferecer aquilo que nos é próprio e que decorre da fé cristã, das luzes do Evangelho, como o amor gratuito e universal e a promessa da vida eterna. É a nossa mística".

12. Constatamos então que, na sociedade, há pessoas de todos os tipos, cada qual com seu rosto próprio que, somado a uma série de outros fatores pessoais, lhe dá uma identidade pessoal, única. Cada pessoa é um ser único, inconfundível, é um indivíduo único. Na questão da defesa dos direitos das crianças e adolescentes do Brasil, existe uma quantidade de organizações atuando de norte a sul no Brasil. Cada grupo tem suas características próprias que definem suas identidades. Existem também vários serviços pastorais ou movimentos na Igreja, cada qual com características próprias que definem suas identidades. A Pamen, ao longo de muitos anos, construiu sua identidade própria, sua fisionomia, seu jeito de ser e atuar junto a crianças e adolescentes empobrecidos e em situação de risco. É sua mística: o que define precisamente a identidade da Pamen. Em resumo: a mística especifica nossa espiritualidade; e a espiritualidade dá vida à Mística.

## O QUE É SER UM AGENTE/EDUCADOR DA PAMEN A PARTIR DE JESUS CRISTO

1. Frequentemente somos provocados, interpelados ou questionados a respeito das motivações que sustentam nosso trabalho de educadores e educadoras da Pamen. Quem somos? O que fazemos? O que nos diferencia dos outros? O que nos leva a acreditar e a nos comprometer com uma garotada que incomoda ou amedronta a sociedade, que deseja ver-se livre ou distante deles ou vê-los atrás das grades da prisão. Qual é a nossa missão? Enfim, qual é a nossa identidade? O que é mesmo ser um agente/educador da Pamen a partir de nossa mística, isto é, do nosso específico ponto de vista, que outro não é senão o do próprio Jesus: seu agir, seu ensinamento. A resposta vamos encontrá-la numa questão fundamental e irrenunciável: a profunda identidade entre a missão da Pamen e a missão de Jesus. Tal foi a missão de Jesus, tal é hoje a missão do agente da Pamen. É precisamente isso que manifesta a nossa verdadeira fisionomia ou identidade. O agir de Jesus é determinante para todos os seus seguidores, máxime para um agente da Pamen.

2. Na V e VI Assembleias Nacionais da Pamen – realizadas ambas em maio de 2005 e 2008, respectivamente – evidenciou-se fortemente o tríplice lugar teológico: o deserto, a Galileia e Jerusalém. Nossa reflexão hoje focaliza apenas a Galileia. Lá foi o palco das grandes realizações de Jesus: os milagres, o chamado dos primeiros apóstolos, o imenso campo de evangelização de Jesus etc. Segundo o evangelista Marcos, foi lá que Jesus iniciou seu ministério público, andando pelas cidades e povoados, pelos caminhos ou a beira-mar, nas praças ou sinagogas, anunciando o evangelho ou "boa nova" do reino. Na Galileia, o povo era simples e muito religioso, com suas virtudes e defeitos, às vezes vítimas de uma pregação sem vida, proposta pelos mestres e doutores da época. A Galileia era uma região marcadamente de agricultores, uma classe de gente pobre que mal produzia para a própria subsistência, além dos impostos a pagar. O evangelista Mateus a denominou como "um povo sem pastor". Esta situação favoreceu a pedagogia de Jesus, o recurso às parábolas. Nas parábolas Jesus expressa a dura realidade daquela gente. Através desse recurso didático, Jesus expressa a dramática situação do povo e denuncia abertamente os opressores. Assim, Ele fala do patrão que exige do povo mais do que pode (Mt 25, 24-26); fala do desemprego e do biscate (Mt 20, 1-16); do patrão que viaja para o estrangeiro e deixa caseiros cuidando da sua propriedade (Mt 21, 33-39); fala do povo cheio de dívidas que não consegue pagar (Mt 18, 23-26); fala da riqueza que ofende os pobres (Lc 16, 19-21); fala da situação de insegurança e de assalto (Lc 10, 3); do risco que a riqueza representa para a salvação (Mt 18, 24-25). Com muita coragem, Jesus mostra também os pecados e falhas entre os pobres: povo interesseiro (Jo 6, 26); medroso (Jo 9, 21-22); machista (Mt 19, 10) etc. Diante dessas situações, Jesus não deixava por menos: censurava-os e os advertia. Mas sempre no propósito de levá-los a se corrigir e mudar a situação, deixando claramente a entender que essa gente pobre e sofrida era a primeira



destinatária de sua pregação, da sua grande novidade ou boa nova, o Evangelho. Eles eram os primeiros destinatários do reino de Deus precisamente por serem pobres, portanto, em razão da situação em que se encontravam, porque Deus está do lado daqueles que não tem defesa.

3. Para a Galileia Jesus enviou os apóstolos após a Ressurreição (Mt 28,7; Mc 16, 7). Galileia, no sentido teológico, bem define nossa identidade. Também nós somos mandados para as “galileias” de nossos dias: as periferias pobres dos grandes centros urbanos, as favelas onde impera a droga, a violência, a pobreza, a exclusão social etc. Nosso lugar, pois, é nessas galileias de nossos dias, vale dizer, nosso lugar é no meio dos pobres, dos abandonados, dos excluídos, dos oprimidos, também dos violentos, dos traficantes, nas favelas, em qualquer lugar onde se percebe o abandono, a privação de liberdade etc. E é tudo isso que define o rosto, a fisionomia, a identidade do agente da Pamen e responde à pergunta: o que é ser agente da Pamen.

4. Sendo assim, então, a quem perguntasse o que é ser um agente da Pamen, responderia apontando para as “galileias” de nossos dias, onde encontramos menores abandonados, pequenos traficantes aliciados pela perversidade de adultos inescrupulosos que fazem deles os “laranjas”. Nas Galileias do mundo atual, crianças e adolescentes são submetidos a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa. De maneira que ser agente ou educador da Pamen é assumir como companheiros de caminhada essa garotada sofrida e abandonada, violenta às vezes, mas muito mais e sempre violentada. É ir a eles com a solicitude samaritana. O Documento de Aparecida diz: “Iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana” (cf. Lc 10 25-37), recordando que “a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã”, como bem advertiu Bento 16 no Discurso Inaugural da V CELAM. Certa vez ouvi uma interessante reflexão sobre a atitude do samaritano que muito me tocou. Há três níveis de espírito samaritano. Exemplo: alguém bate à porta e pede uma refeição. A dona da casa, sem largar a novela, grita para a empregada: “Maria, prepare aí uma refeição e leve-a ao mendigo aí na porta”. Não deixou de atender nem o outro ficou de barriga vazia, mas... Segundo nível: a dona da casa larga a novela e ela mesma prepara o prato e entrega-o pessoalmente ao mendigo na porta. O pobre agradece, come, mata a fome, segue feliz e tudo fica por aí. Terceiro nível; a dona da casa vai à porta. Conversa calmamente com o mendigo. Constata que se trata de pobre e esfomeado. Convida-o para entrar. Fá-lo sentar-se à mesa, justamente no lugar em que ela costuma tomar suas refeições. Serve-o pessoalmente. Isso, sim, é ser agente “samaritano”. É apelar do animal e colocar em nosso lugar aquele que jaz prostrado à beira do caminho: da miséria, do sofrimento, dos vícios, da violência passiva ou ativa,

dos excluídos. É amá-los incondicionalmente. Sem dúvida, é por em risco nossa pele. É desinstalar-nos. Indispor-nos muitas vezes com autoridades judiciais e policiais. Novamente o documento de Aparecida faz uma triste constatação. Cito textualmente: “Em muitas das nossas Igrejas locais não se assume suficientemente a pastoral penitenciária nem a pastoral de menores infratores e em situações de risco” (Apa, 100 e). Não é fácil, não, por certo. Ainda mais que se trata de uma clientela bem diferente da garotada da catequese, dos jovens e adolescentes de nossos grupos paroquiais. Aí a coisa é bem diferente. Nossas adolescentes... ai, que encanto! Faz lembrar: “faz mal bater um papo assim gostoso com alguém”? A clientela da Pamen é diferente. E ela faz a diferença. Ou melhor, ela é que define o perfil do agente da Pamen. E ainda temos uma certeza: a missão que levamos adiante não nos pertence, é de Deus. Sem dúvida, missão desafiadora. Muita gente já desistiu e sempre acaba desistindo diante das primeiras dificuldades. O que? Enfrentar o Promotor? Discutir com o delegado? Contestar o policial? Não é fácil, não! Não é nada fácil enfrentar esses faraós do momento atual, os donos do poder e do mundo, que veem a pobreza ou as vítimas da dependência química como uma sujeira moral na sociedade e que deve ser varrida, para não incomodar “os bons”. Imagino que ainda está para acontecer “aquela varrição” ou varredura por ocasião da Copa do mundo. Permita Deus que essa “varrição” não aconteça para a JMJ Rio 2013. Será uma lástima! Para não fraquejar, para não desistir e não abandonar a nau, o agente precisa reforçar decididamente sua espiritualidade. Sem uma espiritualidade sólida, inútil prosseguir, inútil contar com agentes assim. Permitam-me insistir: sem uma sólida espiritualidade o agente/educador da Pamen não vai longe, não. O agente/educador da Pamen também não pode ser um franco atirador: atirar para todos os lados na expectativa de que possa acertar alguma coisa, vale dizer, lançar-se ao trabalho afoitamente, desorientadamente. Por isso e para evitar “errar o alvo” é que a Pamen tem, além do ECA, livro de cabeceira, dois outros importantes e indispensáveis documentos: Princípios, Diretrizes e Organização, e o Projeto Político, que estabelecem critérios de ação e organização, dão pistas, orientam, assinalam, determinam os objetivos e estabelecem nossa metodologia de trabalho missionário, válidos em todo o território nacional. A segurança e o bom êxito de nossas atividades dependem, evidentemente, da adequação e observância de tudo o que está estabelecido nesses dois documentos; ambos, frutos de uma diuturna experiência de dedicados e experientes agentes, posteriormente elaborados, votados e aprovados em Assembleias Nacionais.

5. Ainda uma vez mais nos perguntamos: o que é ser um agente/educador da Pamen? É ser um autêntico discípulo missionário, isto é, sentir-se matriculado na escola do Mestre Cristo Jesus. Aí tentamos aprender a metodologia missionária de Jesus para que ela seja nossa maneira de ser e agir, isto é, de evangelizar. Aí aprendemos o alcance da profética definição de Dom Luciano



sobre os menores. Esta frase corre pelo Brasil: “criança não é problema, é solução porque faz repensar a sociedade”. Em nossa ação, com um pouco de reflexão e intuição, vamos percebendo que a legislação é uma ferramenta que se insere no conjunto da sociedade, partindo do pressuposto de que a sociedade é que está sempre certa. Mas, aos poucos, damos conta de que nem sempre é assim. Nem sempre a sociedade está correta, mas que ela precisa ser repensada. Sirva-nos de inspiração e encorajamento o exemplo dos primeiros discípulos do Mestre, quando então nos perguntamos: onde eles buscavam alimento para renovar e sustentar seu ardor missionário e, sobretudo, o que eles faziam para superar as dificuldades e oposições a seus trabalhos. O próprio evangelista S. João nos dá uma pista inicial e indispensável, que foi a nota característica da V CELAM: a proposta é reencontrar-nos ao redor do Ressuscitado. Para vencer as dificuldades e sair de qualquer crise é necessário que Jesus ocupe o lugar central na vida dos discípulos. A ele pertence a centralidade de nossa vida e de nossos interesses. De direito é o lugar dele em nossa ação pastoral. Saibamos permanecer perto dele, ao redor dele.

6. Quando o agente centraliza suas atenções sobre si mesmo, quando prioriza seus projetos, quando absolutiza pessoas, ideologias e iniciativas, por quanto sejam úteis e necessárias, perde o foco principal. O verdadeiro agente/educador nunca deixa de se concentrar no Ressuscitado. O dinamismo missionário, a coragem para enfrentar as dificuldades e mesmo ameaças, a persistência numa atividade humanamente sem nenhuma recompensa, o exercício da misericórdia, a capacidade de tolerância dependem exclusivamente dele, Cristo Jesus, e chegam a nós através do exercício diário da espiritualidade. É em íntima sintonia com seu Mestre que o discípulo agente/educador da Pamen consegue alimentar sua fé, refaz suas energias e disposições, lança-se com audácia no apostolado, é fiel ao chamado do Mestre e entende realmente o que é ser um agente/educador da Pamen.

7. Desde sua II Assembleia Nacional, as lideranças da Pamen se preocuparam em traçar algumas notas ou características que marcam o perfil do Agente/Educador da Pamen. Podemos aduzir algumas:

- ser apaixonado pela causa
- saber amar e deixar-se amar
- viver de uma fé firme que sustente a esperança e não desanimar
- ser capaz de resistir às dificuldades e oposições
- ter a capacidade de avaliar, corrigir-se, mudar e recomeçar
- ter consciência crítica diante da realidade social, política, econômica e religiosa
- respeitar e favorecer o protagonismo infantojuvenil
- viver em sintonia com a Igreja e a comunidade
- conhecer e saber interpretar corretamente o ECA e os documentos da Pamen
- saber trabalhar em grupo.

8. A Pamen caminha já para 36 anos. Muita coisa bonita já aconteceu em nossa história. No entanto, podemos assegurar que estamos ainda bem nos começos. Cuidemos de reforçar nossa caminhada, porque certamente ainda vamos longe. Nossa história não para, a não ser quando não houver mais crianças e adolescentes sem seus direitos garantidos, e reconhecida sua

cidadania com a execução de políticas sociais básicas. A Doutrina da Proteção Integral, concepção sustentadora do ECA, continua e continuará exigindo de todos nós que não paremos de fazer história. Crianças, adolescentes, agentes/educadores continuaremos escrevendo uma história que sonha e vive uma grande utopia: queremos ver nossas crianças e adolescentes brincando em nossas praças e ruas, estudando em nossas escolas, vivendo o aconchego e afago da família, frequentando a igreja, longe de um trabalho ou de situações que lhes roubem a infância, sonhando, sonhando, sonhando...

## 5ª REFLEXÃO

### POR QUE AR AO ENCONTRO, ACOLHER, CONHECER, CONVIVER COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EMPOBRECIDOS

1. A partir do Vaticano II e, posteriormente, com o impulso de Medellín e Puebla, ocorreu uma evolução importante na Igreja. Se não, vejamos. Diante da dramática situação dos índios, criou-se o CIMI. Ante a situação cada vez pior dos agricultores, criou-se a CPT. A força dos operários organizados em sindicatos levou a Igreja a criar a PO. Também os pescadores, os ribeirinhos, tiveram sua vez com a criação da CPP. São instrumentos ou modalidades de organização pastoral que ajudam essas classes e grupos de pessoas a defender melhor suas vidas, suas terras, seus direitos, sua identidade. Em comum eles têm o seguinte: surgiram da fé renovada em Jesus e como Jesus defendem a vida, são tolerantes, ecumênicos, frequentemente suscitam polêmica e incomodam a sociedade bem estabelecida.

2. Quem vem acompanhando esse processo de longa data pode constatar uma espécie de evolução, de tomada de consciência do sentido desses movimentos. No início, por causa da difícil situação em que a sociedade e a Igreja viviam – por exemplo, rigor do regime militar – fazia-se um trabalho para. Insistia-se na denúncia. Depois, aos poucos, surgiu um trabalho com. Insistia-se na mútua colaboração e na solidariedade. Atualmente, sem abandonar estas duas linhas, o foco é a ação de protagonismo, da responsabilidade comunitária, de todos sujeitos da própria história. Foi aqui precisamente que a Igreja entrou com aquilo que lhe é específico, a mística, sobre a qual já refletimos anteriormente.

3. Tudo isso revela uma evolução da reflexão teológica pastoral da Igreja, a partir da crescente consciência que a Igreja tem de si mesma e de sua missão, fruto do despertar do Vaticano II, a saber: lutar pela defesa da vida ameaçada do povo, seguindo a norma de Jesus, que disse: “eu vim para que todos tenham vida e vida plenamente” (Jo 10,10). Da mesma maneira como a injusta situação de índios, de operários, agricultores, pescadores e outros grupos resultou na criação de suas respectivas pastorais, assim a situação dramática de crianças e adolescentes levou a Igreja a criar a Pastoral do Menor.

4. Nesse quadro, três fatores sempre chamam a atenção da Igreja e dos responsáveis:



1º - o despreparo total das famílias para enfrentarem o problema que se põe fora de seu alcance, pois é a desigualdade socioeconômica ou a inexistência de uma política apropriada que produz a insuficiência da renda familiar e, no passado, entre outras coisas, favoreceu o êxodo rural e o inchaço das periferias das cidades; 2º - a desintegração do tecido social. Do jeito que as coisas andavam, a sociedade já não era capaz de enfrentar os problemas de ordem social. Ela apenas cuidava de se defender contra a ameaça que o menor representava, passando o problema para a repressão policial, cada vez mais forte e violenta; 3º - ausência de espírito comunitário e solidário para solucionar a questão ou ao menos reverter esse perverso processo de desintegração. Essa situação se transformou num forte apelo à consciência cristã que começou, como disse há pouco, a buscar resposta ao clamor das crianças e adolescentes empobrecidos através de iniciativas, aqui e acolá, sem maior articulação. Assim foi surgindo a Pastoral do Menor.

4. A Pamen começou aqui em S. Paulo, em 1977, treze anos, portanto, antes do ECA. O Projeto Político da Pamen observa que a preocupação pela situação das crianças e adolescentes empobrecidos não consistiu numa intuição profética localizada nem surgiu de uma imediata e concreta intuição. Por todo o Brasil, aqui e ali, grupos ou pessoas individualmente se organizavam para enfrentar e quanto possível minorar as difíceis situações em que se encontravam milhares ou milhões de crianças e adolescentes empobrecidos. Porém, foi na arquidiocese de S. Paulo que a Pamen começou uma história de organização de forma mais sistemática, graças ao espírito profundamente evangélico de Dom Luciano, que contou com a colaboração de gente muito qualificada como Ir. Maria do Rosário, Ruth, Irmão Mesquita, Antônio Carlos, Pe. Júlio, Stella e tantos outros. Nem há como citar o nome de todos, pois muita gente trabalhou arduamente quase no anonimato. Aquela equipe inicial teve destacada participação na redação do artigo 227 da Constituição Federal e, posteriormente, na elaboração do ECA. Hoje, a Pamen é um Organismo da CNBB e através do Setor de Pastoral social integra a 8ª Comissão da CNBB – Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. Ela fundamenta-se, teologicamente, em duas noções: a de ser presença e serviço na sociedade. Em seu Projeto Político, a Pamen reafirma que o campo de sua atuação específica é a promoção e garantia da cidadania das crianças e adolescentes, com o foco para aqueles mais empobrecidos, em situação de risco social e pessoal. Marcos significativos na história da Pamen foram as 7 Assembleias Nacionais, realizadas a cada três anos, a partir de novembro de 1993, quando aconteceu a 1ª Assembleia Nacional da Pamen, em Cachoeira do Campo MG.

5. Por toda a bela história da Pamen, pelos motivos que inspiraram sua criação, pela sua razão de ser, pelos critérios que orientam sua atividade pastoral, pelo testemunho de centenas e centenas de seus agentes/educadores, pelos seus objetivos e sua organização, enfim, pelo seu compromisso maior com Jesus e com o que ele deseja e espera de nós, seus discípulos missionários, entende o agente/educador da Pamen que seu dever primordial é ir ao encontro de crianças e adolescentes empobrecidos, excluídos, e acolhê-los com carinho e respeito, do jeito que eles são, a fim de conhecê-los melhor, conhecer a história de cada um deles, e aprender a conviver com eles, respeitar e incentivar seu protagonismo e, sempre que for o caso, brigar, protestar, gritar contra tudo que

desconsidera seus direitos e sua integridade. Outro não é o objetivo da Pamen. É isto que determina o lugar dos agentes da Pamen na sociedade. Eles estão em toda parte onde quer que se encontrem crianças e adolescentes empobrecidos e em situação de risco. Nas ruas e avenidas, nos morros e nas favelas, nos becos e vielas, nos lares e nos locais de trabalho, nas escolas e centros de formação, nos Conselhos Municipais e Tutelares, no acompanhamento às políticas de apoio sócio familiar, de atendimento ao adolescente em conflito com a lei, com a execução das medidas sócio educativas de Liberdade Assistida e de Internação, nos Fóruns e Delegacias, nas diversas campanhas de divulgação e operacionalização do ECA etc.

6. Por que ir ao encontro, acolher, conhecer a realidade e conviver com crianças e adolescentes em situação de risco? Dou novamente a palavra à Mística da Pamen. Sua razão mais profunda e última é a certeza de que cada criança/adolescente que vem a este mundo são amados por Deus. Devem ser acolhidos como um dom de Deus à humanidade. Eles nos são confiados para que colaboremos no seu pleno desenvolvimento, tornando-os capazes de entrar em comunhão com Deus e de se realizar como pessoa, fazendo o bem a seus semelhantes. Agimos assim porque identificamos o rosto sofrido e desfigurado de Jesus agonizante nas crianças e adolescentes empobrecidos e vilipendiados e, como Verônica, queremos enxugar sua face ensanguentada. Agimos assim porque, servindo a eles estamos servindo ao próprio Jesus. Acolhendo-os, acolhemos o próprio Jesus. Agimos assim porque, nesse serviço, compreendemos melhor nossa própria identidade de discípulos missionários. Vamos ao encontro dos pequenos e excluídos da sociedade e os acolhemos com carinho, procurando conhecer sua dura e sofrida realidade porque nisso especialmente somos discípulos de Jesus, que não foi um simples teórico. Embora Mestre e Senhor, Ele soube descer da cátedra. Foi ao povo humilde e sofrido. Envolveu-se com todos, simples, pobres e pecadores. Acolheu-os sempre com respeito e carinho. Conheceu de perto a dura realidade de pescadores e pastores, de agricultores e coletores, de agiotas e professores, de crianças e jovens, de casados e prostitutas, de doentes e acamados, e conversou com ricos e com pobres indistintamente. Portanto, Jesus não foi um simples teórico. Falou e ensinou como mestre, de cátedra digamos assim, mas a partir da realidade de cada classe social. Deixou-se tocar ou ser empurrado pela multidão. Colocou crianças no colo. Acariciou-as. Chorou à beira do túmulo de um amigo falecido, embora pronto para ressuscitá-lo. Se assim foi Jesus, assim sejamos nós. Se assim fez Jesus, assim também façamos nós, educadores e agentes da Pamen. Mais uma vez, afirmamos o princípio fundamental que nos orienta: o agir de Jesus é determinante para nosso agir cristão. Fazemos assim porque assim fez Jesus.

7. Por que ir ao encontro de nossas crianças e adolescentes em situação de risco? Por que acolhê-los, conhecer sua realidade, conviver com eles? É que Jesus insiste no acolhimento a ser dado aos pequenos. “Quem acolhe a um desses pequeninos em meu nome é a mim que acolhe” (Mc 9, 37). Aliás, com uma pequena variação – “quem acolhe o menor a mim acolhe” – foi este o lema da CF/1987, três anos antes da aprovação da Lei Federal nº 8.069 que criou o ECA. Mais ainda, Jesus promete recompensa: “Quem der nem que seja um copo de água a um desses pequenos não perderá sua recompensa” (Mt 10, 42). Ele adverte seriamente para que ninguém despreze os pequenos, ninguém



os escandalize: “porque seus anjos estão sempre na presença de Deus” (Mt 18, 10). E no julgamento final, os justos serão recebidos porque deram de comer “a um desses mais pequeninos” (Mt 25, 40). Na sua intransigente defesa das crianças e dos pequenos, Jesus revela a vontade do Pai: “Ai do mundo por causa dos escândalos...” (Mt 18, 7); “o Pai não quer que nenhum destes pequeninos se perca” (Mt 18, 14).

8. Jesus sempre se colocou ao lado dos pequenos, dos excluídos, e assumiu sua defesa. Duras e condenatórias são suas palavras contra os que induzem à queda, isto é, ao escândalo, ao erro: “Melhor seria que lhe amarrassem ao pescoço uma pedra de moinho e o lançassem no fundo do mar” (Mt 18, 6). Mães com crianças aproximam-se de Jesus. Os apóstolos reagem e as afastam. Dentro das normas da época, tanto as mães como as crianças pequenas viviam praticamente num estado permanente de impureza legal. Tocar nelas significava contrair impureza. Jesus nem está aí. Corrige prontamente os apóstolos (cf. Mc 10, 13-15), abraça as crianças e as abençoa. Identifica-se com elas: “quem receber em meu nome esta criança, estará recebendo a mim mesmo” (Lc 9, 47-48). Indo além, Jesus coloca como condição para entrar no reino fazer-se como as crianças (cf. Mt 18, 3). Aprendamos, pois, desses pequenos “professores”. Esses e muitos outros textos mostram claramente uma predileção, digamos uma “opção preferencial” de Jesus pelos pequenos do reino. Seja esta também a nossa opção preferencial.

9. Sob o influxo do Concílio Vaticano II, da Conferência de Medellín, de Puebla e da visão crítica da realidade social, a Igreja veio, desde então, renovando sua missão evangelizadora que culminou na consagrada “opção preferencial, não exclusiva nem excludente, pelos pobres”. Com este amor evangélico preferencial ela passou a ver sob nova ótica a trama da história e da injusta estrutura social. Consequentemente, teve de reorganizar sua ação pastoral. Em conformidade com esta ótica e através de sucessivas Campanhas da Fraternidade, a Igreja no Brasil vem propondo à sociedade temas que ajudam a desencadear ou reforçar o processo libertador dos empobrecidos, tendo em vista uma justa e fraterna estruturação social. A opção pela criança e adolescente empobrecidos se enquadra no amor preferencial da Igreja pelos pobres e em sua luta por um mundo e em sua luta libertadora. Só que lhe acrescenta uma especial particularidade: quase que de maneira geral, crianças e adolescentes marginalizados, excluídos, em situação de risco pessoal e social, sujeitos a toda sorte de violência, a Igreja os vê como o grupo mais pobre entre os empobrecidos.

10. Para nossa conclusão: optar pelas crianças e adolescentes empobrecidos, numa sociedade de conflito, é optar pelo fraco onde se valoriza o forte; pelo pequeno, onde prevalece o grande; pelo despossuído, onde conta o que tem. É estar do lado da vida numa sociedade dominada pela cultura da morte. Optar pela criança e adolescente empobrecidos é optar por uma nova ordem social, política e econômica – sinal do reino de Deus – contribuindo para uma ação histórica de transformação estrutural e pessoal da sociedade. O que, em última análise, resulta em abdicar de privilégios e partilhar com os que sofrem, escolhendo os mais empobrecidos como prioridade, e respeitando a hierarquia de valores que põe em primeiro lugar a vida e a dignidade de todo ser humano.

11. Enfim, “por que ir ao encontro dos pequenos empobrecidos, por que acolhê-los e com eles conviver”, porque esta é a autêntica maneira de seguir Jesus de Nazaré que acolheu as crianças, tomou refeição com os pecadores, andou com os mendigos, perdoou as prostitutas, curou doentes e leprosos e saiu em busca da ovelha perdida. Optar pelas crianças e adolescentes é acreditar no Deus da vida que “derruba os poderosos de seus tronos e despede os ricos de mãos vazias” (Lc 1,52).

## 6ª REFLEXÃO CAMINHO EDUCATIVO DA PAMEN

1. ECA, Princípios, Diretrizes e Organização, Projeto Político são três instrumentos indispensáveis para o bom desempenho de nosso trabalho pastoral. Mas, antes de tudo, a Bíblia. Não que a Bíblia fale de nossa pastoral. Ela é a viva expressão da experiência de Deus que se manifesta nas lutas concretas em defesa e promoção da vida humana. O Livro Sagrado mostra que Deus participa das lutas e do sofrimento dos pequenos. Aí vemos Deus presente na história do povo. Deus toma partido e se posiciona em defesa dos pequenos e excluídos. A Pamen não considera Deus lá nos céus, em absoluta transcendência, inacessível a nós e fora de nossa realidade. A Pamen, a partir do Livro Sagrado, pressente Deus e o descobre bem aqui na terra, dentro da realidade sofrida e cotidiana dos pequenos, pobres e excluídos, com os quais Ele se identifica. Por isso, o agente/educador da Pamen relê a Bíblia a partir da relação com os empobrecidos e oprimidos, especialmente crianças e adolescentes. E, como já foi dito diversas vezes, passa a olhar o mundo a partir da ótica de Jesus. Então entende crianças e adolescentes como prioridade absoluta. Percebe-os como sacramento vivo do Deus da vida. E luta por eles. Briga, até onde for preciso, pelo respeito e garantia de seus direitos. E se deixa fortalecer e iluminar com a leitura da Palavra de Deus. A partir daí, reafirma sua opção preferencial pelas crianças e adolescentes e assume pra valer uma posição crítica diante de fatos e situações injustas, questionando a ordem estabelecida e buscando respostas efetivas às necessidades das crianças e adolescentes violados em seus direitos fundamentais.

2. Seguindo esse caminho, o agente/educador da Pamen percebe a criança e o adolescente como um sinal do pecado em que vive esta sociedade que, qual novo faraó, mata os filhos de Deus. Pecado mortal é o caminho que levou à morte o Filho de Deus e ainda hoje leva à morte tantos pequenos filhos de Deus. Mas há um caminho que leva à vida. A escolha do caminho é uma questão de vida ou morte, de presença e atuação de Deus neste mundo ou de domínio dos faraós que querem acabar com a vida dos pequenos. O salmo nº 2 fala desses dois caminhos: “feliz é todo aquele... que não segue pelo caminho dos maus... mas Deus vigia o caminho dos bons, pois a estrada dos maus leva à morte”. Agentes/educadores da Pamen optam firmemente pelo



caminho da vida. Enfrentando sérios riscos, quais novos Moisés, seguem pelo caminho da vida, em permanente discernimento para agir na transformação radical das estruturas desta sociedade excludente e violenta, na luta renhida para vencer os ídolos da morte. *O caminho da vida é caminho de processo educativo.* Começa com uma afirmação assustadora: crianças e adolescentes são nossos filhos, são nossos irmãos, são nossos queridos, são nossos companheiros de jornada, são tão importantes que por eles fizemos nossa opção preferencial. Esse processo educativo se faz de escuta e diálogo. Precisamos ouvi-los. Saibamos ouvi-los. Eles têm muito que falar. Às vezes, eles querem mais falar do que ouvir. É direito deles. Seja respeitado. Portanto, saibamos ouvi-los. Ouvir e dialogar. Ouvir e dialogar é bem diferente de simplesmente falar a eles. Só falar é muitas vezes uma forma de não ouvi-los. É como se tivéssemos a primeira, a única e a última palavra. Falar a eles implica prepotência. Dialogar significa também ouvi-los. Quem não ouve crianças e adolescentes tem poucas saídas no processo educativo. Dialogar é uma forma inicial e muito concreta de estar presente, estar ao lado, caminhar juntos.

3. Volto ao salmo nº 2. Temos diante de nós dois caminhos: o do bem e o do mal; o da vida e o da morte. Seguir pelo caminho da vida é viver de **esperança**. Eis um tema que era muito caro a dom Luciano. Quando discorria sobre a esperança cristã, o rosto de dom Luciano parecia transfigurar-se. Eu mesmo, muito pessoalmente, me deixei contaminar pelo entusiasmo com que Dom Luciano falava da esperança. Faço aqui minha profissão de fé: **creio na esperança**. D. Luciano como ninguém sabia contrapor a esperança ao sonho idealista, irreal ou à utopia fácil. Certamente dom Luciano foi beber em fonte limpa e segura. É a carta aos Romanos. Diz S. Paulo: ... *“nós nos gloriamos na esperança de possuir um dia a glória de Deus. Não só isso, mas nos gloriamos até das tribulações. Pois sabemos que a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade e a fidelidade comprovada produz a esperança. E a esperança não engana”* (Rm 5, 2-5). Pois bem, quem segue o caminho da vida vive da **esperança evangélica**. Não é, evidentemente, *“um bobo alegre”*. Não espera iludido que as coisas vão melhorar de uma hora para outra, como passe de mágica. Sabe que a simples melhoria das condições de vida e das relações humanas não ocorrerá automaticamente com o progresso, ou antes, sabe que o progresso continuará a beneficiar a poucos e a excluir muitos. Mas a **esperança evangélica** é a atuação incansável na história pela inclusão de quem se sente de fora. É a presença alegre e solidária, é a prática corajosa e audaz, sempre furando o círculo vicioso da violência, da exclusão, dos privilégios, esperando teimosamente uma nova ordem econômica, política, social, cultural, da qual participem tantos excluídos, sobretudo crianças, adolescentes, negros, mulheres, enfim todos esses anônimos construtores da sociedade quais protagonistas de uma nova história, mais digna e humana.

4. A presença de educadores/as no mundo de meninos/as, no seu duro cotidiano, na diversidade dos desafios que enfrentam, na variedade das situações vividas, é condição de possibilidade para restabelecer a vida em meio à morte. É a mais acertada opção: seguir pelo caminho da vida e não da morte. Mas será a rua o melhor lugar educativo? Será a favela o melhor local pedagógico? Será a ocupação de terrenos para moradia o melhor espaço para educar? A presença educativa em tais situações poderá não caber nos critérios

educativos dos especialistas de uma sociedade que idealiza as situações, porém, deixa de lado o cotidiano, a realidade, e vive de aparências. Estar presente, lá onde a vida é negada, é um fato educativo de valor inestimável, pois reconhece a dignidade dos pequenos e educa a sociedade, provocando as autoridades, os responsáveis a deixarem de lado preconceitos e mentiras e a promoverem a vida onde reina a morte.

5. Estar presente não é apenas cumprir horários em determinados espaços geográficos e fazer belos relatórios. Agentes da Pamen corajosamente, decididamente, penetram na realidade complexa e desafiadora em que centenas ou milhares de crianças e adolescentes vivem, brincam, vegetam, crescem, expõem-se a alto risco de saúde, quando não contraem doenças praticamente incuráveis; onde são aliciados desde pequenos e iniciados nos caminhos da contravenção e da violência. E se lá não for o agente da Pamen, quem irá? Certamente, *“gente bem”* é que não irá. Irá a polícia, sim; ou o aliciador, tanto pior. Tem mais. Agentes da Pamen penetram no mundo do trabalho, por vezes escravo, com salários, condições e horários injustos e incompatíveis. Enfrentam nossa secular discriminação racial que oprime, explora e humilha os negros e seus filhos. Detectam – e com ousadia e risco de vida – denunciam a perversa indústria do sexo e as armadilhas que submetem meninas à indigna situação de objetos de consumo descartável.

Onde estão crianças e adolescentes ali estão ou devem estar os agentes da Pamen. Sabemos que crianças e adolescentes empobrecidos tem todo um universo cultural, uma rede de relações, um imaginário de sobrevivência física, psíquica e afetiva que devem ser descobertos, bem compreendidos e assim bem respeitados por agentes da Pamen que deverão estar atentos também às situações de rejeição, ameaças, estupro, gravidez precoce, trabalho inadequado e todo tipo de desrespeito a seus direitos.

6. Para crianças e adolescentes empobrecidos é de fundamental importância encontrar pessoas que os amem, sem discriminação pela roupa, pelo local onde moram, pela família de origem, pelo mau cheiro do corpo. Significativa é a resposta dada por um adolescente numa Assembleia Nacional da Pamen, quando perguntado sobre o que mais desejava na vida: **amor**. Começo de caminho educativo promissor é a atitude de respeito quanto ao próprio ambiente de vida, por indigno que seja, e a valorização das conquistas que conseguiram realizar em meio àquela realidade de permanente ameaça à vida. Enquanto a sociedade estranha e censura-lhes fortemente esse envolvimento com essa *“gentinha perigosa e violenta que promove arrastões etc.”*, agentes da Pamen tornam-se evangelicamente mais atrevidos e aprendem também nesse aspecto a *“tirar as sandálias por ser sagrado o chão que pisam”*. Recordo neste momento a palestra de Dom Luciano por ocasião da IV Assembleia Nacional, realizada em Cachoeira do Campo MG, no final de maio e início de junho de 2002. Dizia dom Luciano: *“não somos apenas pessoas interessadas, mas somos pessoas que já estão com as mangas arregaçadas, trabalhando e, às vezes, até com desgaste e com sacrifício enorme. Vocês sabem que quem se apaixonou pela Pamen não enriquece, quando não fica cada vez mais pobre. Isso não é futuro para quem quer ser milionário. Mas é para quem tem coração e comoção. É lugar de engajamento, de trabalho. É uma das atividades de Igreja onde há mais dedicação da pessoa, porque em*



*algumas atividades da igreja as pessoas têm horário. Na Pamen ninguém tem horário. Às vezes se tem até uma sala, mas muitas vezes a sala é a rua. É um trabalho sacrificado. Trabalho que está representado por vocês mesmos”.*

7. Essa presença educativa e evangelizadora entre os pequenos excluídos da sociedade é a um só tempo apelo e denúncia. Apelo para que a sociedade se transforme e concorra para arrancar as raízes da injustiça presentes no modo de pensar e agir de muitos adultos, no modelo de política omissa e nas estruturas econômicas excludentes. Denúncia ou acusação à sociedade que se faz de cega ou surda ante o clamor dos pequenos e injustiçados. O fato de colocar crianças e adolescentes em primeiro lugar, como critério de julgamento, abala qualquer sistema, qualquer estrutura social que queira ser mais importante que a vida humana. Eis como são importantes os princípios de ação que, ao longo do tempo e de sua experiência, a Pamen estabeleceu como metodologia própria. *“O respeito à criança e ao adolescente, como sujeito de direitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento, permeia todas as ações da Pamen como princípio metodológico fundamental”.*

8. A Pamen nunca coloca ponto final em suas ações. A cada passo que dá percebe que há muito ainda para avançar. Ela nunca pensa que chegou aonde queria chegar, embora consciente de que sua história é marcada por muitas e consideráveis conquistas. Importa continuar, avançar sempre, nunca desanimar. Sem dúvida, a Pamen se vê, no atual momento, mais desafiada ainda. Se já havia tanta coisa com que nos envolver, agora parece que os problemas aumentaram. Lembro então a VII e última Assembleia Nacional da Pamen, realizada em Belo Horizonte, em novembro de 2011. O mais imperioso condicionamento imposto à vida humana é, sem dúvida, este: o ser humano não nasce feito, acabado, prontinho. Tem que construir sua vida, sua própria história a cada dia que passa. Assim é a PAMEN. O ser humano, em sua existência histórica, vive uma luta contínua, um esforço incansável, um persistente recomeçar ante os inevitáveis e constantes desafios da existência humana. Assim é a PAMEN. A ciência afirma que o ser humano é um ser histórico. Ser histórico significa que se recebe a vida em gérmen. Pequena semente que poderá ser árvore frondosa. Ninguém recebe a vida feita, realizada, mas por fazer. Assim também é a PAMEN. Cada qual constrói a própria vida: com suor e lágrimas, alegrias e tristezas e, evidentemente, com a ajuda de Deus. Sempre recomeçando, quando tudo parece estar realizado, porque sempre surgem **novas fronteiras** por onde adentrar e que apontam **novos desafios** a superar. É exatamente o que acontece com a PAMEN.

9. Para a realização da VII Assembleia Nacional fomos buscar luz e inspiração no livro do Êxodo. Ele relata a saga de um povo oprimido que consegue libertar-se de uma terrível, sofrida e prolongada escravidão. Na busca de sua libertação, o povo oprimido enfrenta inesperados e constantes desafios. Vagueia por desconhecidas e arriscadas fronteiras, rumo à “terra prometida”, à liberdade sonhada. Assim também a PAMEN. Ao realizar a VII AN, refletimos sobre os contínuos **desafios** que se apresentam e, com determinação e coragem, agora queremos avançar pelas novas e desconhecidas **fronteiras** que vão surgindo pela frente.

10. A partir do Êxodo, estabelecemos o tema e o lema norteadores das discussões da VII Assembleia. Tema: *“Pastoral do Menor; constantes desafios, novas fronteiras”*. Lema: *“O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, por isto vai. Eu te envio”* (Êx 3, 9-10). Nosso objetivo: que a PAMEN, à luz do Êxodo, da análise de conjuntura e de reflexões pertinentes, possa vislumbrar os contínuos desafios que persistem na área da criança e do adolescente e, avançando sempre por novas fronteiras, possa avaliar a efetivação de seus direitos e estabelecer novas diretrizes para atuar, com eficiência, na defesa e garantia dos direitos dos meninos e meninas, os preferidos do Pai.

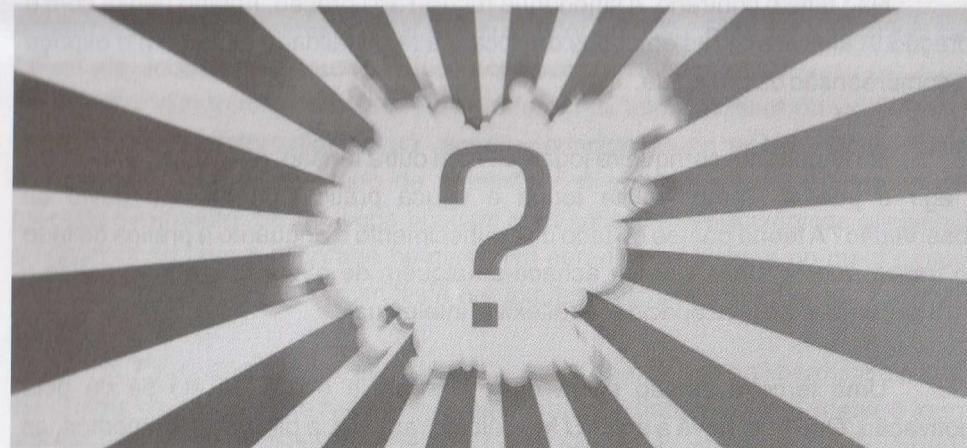
11. O Êxodo serviu como chave de leitura, no Novo Testamento, para muitos fatos da vida de Jesus, sempre visto como o novo Moisés. Assim, a libertação do jugo opressor no Egito tem sua perene mensagem. O povo humilde, oprimido e insatisfeito aprendeu a lição: onde existe um esforço sincero de libertação, aí podemos reconhecer a voz amiga e poderosa de nosso Deus libertador que chama, interpela e salva de toda opressão. Na medida em que o povo caminha, decide e luta, torna-se mais livre, mais responsável, mais sensível aos problemas humanos, mais consciente e mais fraterno. Tem mais força, coragem e disposição para enfrentar novos desafios e prosseguir incansavelmente por novas fronteiras.

12. A partir do Êxodo nossa reflexão volta nosso olhar para a situação de crianças e adolescentes empobrecidos. Eles precisam urgentemente de empreender o seu êxodo. Meninos de rua, meninas violentadas física, psíquica ou sexualmente, sem perspectiva de vida, sem referencial, sem futuro, lançados ou deixados à margem da vida, podemos compará-los aos recém-nascidos lançados às águas do Nilo, sem direito ao mais elementar de todos os direitos: o direito de viver, evidentemente, com dignidade e justiça. Vergonha nacional: violência e violação dos direitos continuam a ser o retrato do rosto infante-juvenil em nosso país. Aqui entra então nossa luta, nosso compromisso, nossa motivação última ou mística, a razão profunda de nosso agir, nossa condição de outros Moisés. A PAMEN se coloca vigilante. Ouçamos o que Deus nos diz: *“o clamor das crianças e adolescentes chegou até mim. Por isso, vai... Eu te envio...”* Nosso Retiro nos propõe – exige de nós – uma escuta mais atenta ao clamor das crianças e dos adolescentes. É o momento de revigorar as energias através da nossa reorganização. Para que a esperança flua, precisamos ser mais confiantes em nossas capacidades, reunindo-nos em torno daquilo que planejamos, assumindo uma linha comum nos trabalhos. Então é hora de cada qual se questionar: *O que o Êxodo diz para mim como Agente da PAMEN?* O Egito hoje é a perversa situação de morte que atinge milhares e milhares de crianças e adolescentes, vítimas de uma sociedade desigual. O que significa hoje resistir à opressão? Manter e defender a todo custo nossa identidade e a defesa da vida. Que significa para um agente da PAMEN: sair do Egito, atender ao que Deus pede e ir a quem Ele nos envia? Como deixar-nos guiar pelo discernimento, aceitar os contratempos, enfrentar os novos e contínuos desafios, jamais ceder à tentação de acomodação, sem retornar às cebolas do Egito? Importa saber superar as crises como Moisés: prosseguir, avançar sempre nessa desafiadora caminhada no deserto de uma cultura tão distanciada da solidariedade com os pequenos e excluídos. É preciso entender as pragas: as muitas pragas, por exemplo, da impunidade; a do aliciamento de adolescentes e até de crianças por adultos inescrupulosos; a



inoperância da aplicação das medidas sócioeducativas por parte do poder público; às vezes, temos de contentar-nos com o mesmo alimento, enfrentar a falta de água ou a falta de compreensão ou falta de apoio; enfrentar o desânimo ou a revolta do povo, a travessia arriscada, abraçar as Tábuas da lei, esconjurar a idolatria (o bezerro de ouro do comodismo) etc.

13. Agente da PAMEN, Você consegue entender que a retomada do Êxodo, hoje, é um imperativo que não lhe concede alternativas de fuga ou omissão? Agente da Pamen, como Você se encontra nessa caminhada? Qual tem sido seu papel, seu compromisso com a causa da criança e do adolescente, com a Pastoral, com a Igreja? Quais são as pragas ou que pragas o afligem: o desconhecimento do ECA? A arrogância policial? O aliciamento de adolescentes por parte de adultos? A lentidão, omissão ou impunidade da justiça e tantas outras situações conflitivas? Qual é o seu maná? O que o sustenta nessa empreitada? É a fé? É o Evangelho? É o ECA? É o nosso Projeto Político? São os Princípios e Diretrizes? Uma luz guiava o caminhar dos hebreus durante a noite. Qual a luz que o ilumina? Deixe a luz de Deus entrar e brilhar em seu interior. Então Você verá melhor para onde Você se encaminha. Você poderá seguir confiante e com decisão a rota da PAMEN. Estará de ouvidos abertos, isto é, escutará mais nitidamente o clamor que se levanta a partir das vítimas dessa cultura da violência, da omissão, do descaso, da violação de direitos, da corrupção, do aliciamento. Então, tome a atitude de Moisés. Vá ao encontro da Criança e do Adolescente. Coragem: corra esse risco. Você está disposto ou disposta? Topa mesmo? Então ouça o que lhe diz o Senhor: "O clamor de crianças e adolescentes chegou até mim. Por isso, vai. Eu te envio!"



### POR QUE FAÇO O QUE FAÇO?

Padre João Batista Libanio

Palestra proferida no VIII Seminário Pró-Conselho promovido pela Frente de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de MG-Agosto de 2010 - Belo Horizonte

#### Introdução

Pergunta intrigante. O agir humano implica diversos registros que nem sempre percebemos. Pensamos, sentimos e agimos. Cada dimensão goza de autonomia, embora se articulem as três na unidade da pessoa. Parar e pensar humanizam-nos e fazem-nos conscientes de nós mesmos no existir. A vida lança-nos tal desafio. Reflitamos sobre ele.

A articulação não raro padece de fissuras ou uma dimensão sobrepõe-se exageradamente sobre a outra. No final, o ser humano claudica por falta de harmonia.

A filosofia grega deixou-nos a herança do pensar. Quando ele nos embala e seduz, arriscamos minguar a afetividade. A cabeça cresce e o lado emocional se encurta. Usamos com freqüência a sinédoque de cabeça pela pessoa humana inteira, mas valorizada no aspecto da inteligência. E a metonímia termina reduzindo o ser humano à dimensão intelectual.



Não falta o contrário. A sinédoque recorre ao coração. Fulano pensa com o coração. A afetividade, as emoções deslocam a racionalidade e ocupam o espaço da compreensão da realidade.

Na linguagem corriqueira jogamos com outra tensão. A ruptura se faz entre o agir e pensar. Temos muita teoria e pouca prática. Quem não ouviu tal observação? A teoria põe-se do lado do conhecimento e enquanto a prática do lado do transformar a realidade. Ou achaca-se alguém de ativismo, de pragmatismo para denunciar-lhe a incapacidade reflexiva, intelectual.

Uma terceira tensão surge entre o sentir e o agir. O elo se dá pela motivação. Que nos move a agir? O frio cálculo racional, a pilha de argumentos, as razões teóricas elaboradas? Ou o afeto, a emoção, a sensibilidade?

Se os departamentos do existir se comportassem disciplinada e distintamente, o agir transparecer-nos-ia com facilidade. No entanto, lá no nosso interior procedem como vasos comunicantes. Pedem atenção e acríbia de juízo.

Essa reflexão inicial põe-nos a seguinte pergunta central: que é a liberdade, como a entendemos e que fazemos com ela? Oferecemos três respostas, recorrendo a três atitudes antropológicas fundamentais.

### I - FAÇO PORQUE SOU DETERMINADO A FAZER

Em diferentes espaços culturais, soa uma mesma resposta. O ser humano debateu-se teórica, prática e existencialmente com a liberdade. Temeu-a desde os inícios. Não por ela, mas pela responsabilidade inerente a seu exercício. Então: melhor empurrar a responsabilidade para alguém ou algo incontrollável. Vejamos alguns casos prototípicos.

A tragédia grega soa paradigmática. Sófocles (V séc. aC), para tomar um exemplo, na tragédia Édipo Rei, desenha-nos a figura de Édipo. Antes mesmo que nascera, o pai sabia que teria um filho que o mataria. Já estava decretado. O adivinho Tirésias desvela a verdade desde o início. Édipo cegamente a executa. Mata a Laio, seu pai, como o oráculo predissera. Une-se

maritalmente com Jocasta, a mãe. A força poderosa, cega, fatalizada do destino conduz a vontade humana impotente a submeter-se a ela. E quando se revela tal fatalidade, Jocasta se enforca e Édipo se cega com o broche da mãe.

No mundo religioso, sob formas diferentes, aparece clara ou veladamente semelhante predeterminação. O agente principal tem nome: Deus, divina providência. Ele conhece tudo de antemão e o ser humano só aparentemente procede livremente. Os teólogos buscam com sofisticadas teológicas conjugar a predestinação com a liberdade humana. No entanto, predomina no meio popular certo determinismo que se manifesta em expressões: Deus sabe o que faz, Deus providenciará, etc.

S. Paulo alude a uma experiência pessoal do jogo entre a liberdade e o que ele chama de pecado que habita nele: categoria que tinha para interpretar o jogo interno contraditório. “Sabemos que a Lei é espiritual; eu, porém, sou carnal, vendido ao pecado como escravo. De fato, não entendo o que faço, pois não faço o que quero, mas o que detesto” (Rm 7, 14s). “Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero. Ora, se faço aquilo que não quero, então já não sou eu que estou agindo, mas o pecado que habita em mim” (Rm 7, 19s).

O mundo moderno científico conhece também tendência semelhante que exerce fascínio sobre mentes esclarecidas. Certo positivismo reduz a realidade ao cientificamente constatável e regido por leis inexoráveis. O Clube de Viena já apequenava os mistérios, ao fazer deles simples enigmas a serem solucionados mais dia menos dia pelas ciências. O neodarwinismo de R. Dawkins interpreta comportamentos humanos até mesmo no referente aos valores éticos, religiosos como fruto da genética e de configurações neuronais particulares. Reconhece neles o valor seletivo superior de vantagem hereditária conservada pela evolução. A liberdade e a história perdem relevância.

Certa tendência da neobiologia caminha na mesma direção, não no sentido de um projeto evolucionista, mas num jogo oxímoro de acaso e necessidade. No começo está o acaso e ele se transforma em necessidade. Assim se destrói de uma vez só a existência de uma Inteligência divina que preside ao processo evolutivo segundo seu projeto e a liberdade humana a quem Deus confia o seu prosseguimento. J. Monod, prêmio Nobel (1965), assenta o pensamento nessa perspectiva na famosa obra Acaso e Necessidade [O acaso e a necessidade: ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna. Petrópolis: Vozes, 1971, 2. ed.]. Não existe um plano anterior na perspectiva do clássico finalismo, mas a natureza simplesmente evolui, não sem determinismos internos, reagindo ao meio ambiente e pela mutação dos genes.



Quanto mais força se atribui ao acaso advindo da reação ao meio e ao determinismo interno nas mutações genéticas, menor fica o espaço para a liberdade do agir humano.

A partir do ângulo da psicologia, a teoria comportamentista, inspirada por B. Skinner(1904-1990), tende a identificar o agir humano a reflexo produzido por estímulos vindos do ambiente, tanto do passado como do presente. À medida que controlarmos tais condicionamentos, preveremos a ação do ser humano. No extremo de tal reflexão, a liberdade desaparece. O título de obra importante de B. Skinner, na tradução brasileira, O mito da liberdade [Rio de Janeiro: Bloch, 1977. 3. ed.], anuncia já tal perspectiva, embora o título inglês soe bem diferente: “Além da liberdade e da dignidade”.

A psicanálise freudiana, também ela, sobretudo na forma vulgarizada e simplificada, permite compreensão tal das forças inconscientes a ponto de elas determinarem totalmente a ação do ser humano, tirando-lhe a liberdade. Precisamente porque o inconsciente não cai sob o regime do percebido reflexa e livremente, empurramos facilmente os nossos atos para esse mundo, isentando-os de responsabilidade. Brotam determinados de dentro.

K. Marx estende às relações econômicas, à ideologia muito dessa força determinante do agir humano. E. Fromm não teme escrever um livro sobre o Medo da liberdade [Rio de Janeiro: Zahar, 1964, 3. ed.], onde analisa as estruturas de dominação, de autoritarismo e de subserviência que anulam a si mesmo, por não suportarem a liberdade do outro.

Esse conjunto de reflexões aponta para a profunda experiência humana de medo da liberdade. Escondemo-nos atrás do destino ou de um Deus que tudo determina ou de condicionamentos determinantes de caráter inconsciente, do ambiente ou das relações sociais e econômicas. Assim a primeira resposta à pergunta fundamental soa: faço o que faço porque alguém ou algo me determinou fazê-lo.

Essa resposta não satisfaz a todo mundo. Então, que outra resposta existe? Passemos ao ponto seguinte.

## II. FAÇO PORQUE QUERO

A segunda resposta soa: faço porque quero. Na raiz do querer está a liberdade, dom recebido e fonte de responsabilidade. Faremos alguns percursos históricos e reflexivos para entender tal resposta.

No Antigo Testamento deparamos com belíssima passagem na história do povo de Israel. Moisés faz o último discurso ao povo na estepe de Moab antes de subir ao monte Nebo, onde morre. Às portas da entrada na Terra Prometida, antes de terminar uma existência vivida na condução do povo pelo deserto, ele lhe propõe, à escolha, a alternativa: “Vê que eu hoje te proponho a

vida e a felicidade, a morte e a desgraça” (Dt 30, 15-20). Ato de liberdade do povo. Ele implica ou amar a Deus guardando os mandamentos ou adorar e prestar culto a outros deuses, afastando-se de Deus. Belíssima cena em que Moisés confia à livre eleição do povo o seu futuro.

Paulo consagra-se como o teólogo maior da liberdade. Perseguidor de Cristo, converte-se a partir de experiência profunda do Cristo glorificado, cuja natureza nos escapa. Vivia qual escravo da lei mosaica. Doravante proclama dupla liberdade. O cristão, possuído pela experiência cristã, faz-se livre de toda e qualquer lei. “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Ficai firmes e não vos deixeis amarrar de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5, 1). Mas para quê? A liberdade para se define pelo amor e não por nenhum egoísmo. Equilibra o potencial desprendido pela liberdade de que poderia terminar na anomia, na libertinagem. Paulo alude claramente para tal risco. “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5, 13). Portanto, liberdade para o amor.

A tradição cristã reconheceu a imensa dignidade humana por força do mistério da Encarnação. A humanidade se fez participante da própria vida divina de maneira única pelo fato de o Verbo assumi-la. A consciência, a liberdade e a transcendência definem o sublime em nós.

A Carta a Diogneto, documento cristão do segundo século, salienta a vida cristã pelo diferencial do amor, vivido com enorme liberdade. Os cristãos se relacionam com o mundo como a alma com o corpo. A cultura pagã não prezava a mulher nem a criança. E o autor do Carta afirma dos cristãos: “Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito” (Carta a Diogneto, n. 5). Por essa razão, as mulheres predominam na conversão ao Cristianismo.

Os imperadores Constantino (313) e Teodósio (380) estabelecem a liberdade da religião cristã e a decretam religião oficial do Império. A simbiose com o poder modifica a postura inicial do cristianismo em face da liberdade. Perde muito dela. A instituição eclesiástica sobrepõe-se a ela. Doravante os surtos libertários virão das periferias ou de vozes proféticas. A longa história de Igreja exhibe-nos diante dos olhos série inumerável de homens e mulheres que lutaram e até morreram pela defesa da liberdade.

Na modernidade cultural explodiu a subjetividade. As pessoas cresceram livres em face das tradições, em nível de consciência, de determinação. Aqui está ponto importante. As tradições passam pelo crivo seletivo da interioridade das pessoas e não se impõem de fora. O “penso, logo existo” de Descartes torna-se um modo de pensar. Vale a tautologia: sou logo sou livre. Esse grito do existir pessoal marca a cultura.



O individualismo constitui-se na ideologia da modernidade e tende só a crescer na pós-modernidade. Na política, a democracia fortalece-se. Na economia, o liberalismo se firma cada vez com maior força. O próprio socialismo pretendeu criar sociedade igualitária em nome da dignidade de cada indivíduo, embora tenha usado da coerção. Em termos de Brasil, a pedagogia de Paulo Freire trabalhou, em tempos de repressão, com coragem, a conscientização e libertação.

Desenhando esse quadro interminável, J. P. Sartre na peça *As Moscas* [Lisboa: Presença, 1965. 2. ed..] descreve, de maneira poética e dramática, a experiência de autonomia da liberdade. "Quando uma vez a liberdade explodiu numa alma de homem, os deuses nada mais podem fazer contra esse homem". Diante de Orestes, símbolo da autonomia humana, Egisto se dirige a Júpiter: "Sabe que é livre. Então não basta pô-lo a ferros. Um homem livre numa cidade é como uma ovelha tihosa num rebanho. Vai contaminar todo o meu reino e arruinar a minha obra. Deus todo-poderoso, que esperas para o fulminar?" A peça apologiza a liberdade. Noutro momento, Orestes dirige-se a Electra, que não suporta o assassinio de Egisto e da mãe Clitemnestra e se entrega a Júpiter, e exclama: "Sou livre, Electra; a liberdade abateu-se sobre mim como um raio". E em face de Júpiter: "-Não sou senhor nem escravo, Júpiter. Sou a minha liberdade! Mal me criaste, deixei de te pertencer".

Portanto, faço porque quero. Quero porque sou livre. A liberdade nela mesma não responde a tudo. Que realidade alimenta, em última análise, a liberdade? O amor. Passemos ao passo seguinte.

### III. FAÇO PORQUE QUERO, QUERO POR AMO

Vasto campo de reflexão. A herança grega e a cristã desvelam-nos três dimensões do amor.

Amor-eros

O amor se chama Eros. Implica carência. A maneira de trabalhá-la configura formas diferentes de expressão de amor. De que sentimentos falta?

Há quem só sente falta de si. Não ama ninguém a não ser a si mesmo. Carece da base primeira para amar a alguém. Esta assenta-se na incompletude do ser humano. E se essa procura se completar só consigo mesmo, a resposta à pergunta soa: faço porque quero, quero porque sinto falta de mim mesmo. Todo outro não passa de uma prolongação do próprio eu. Terrível solidão até o desespero.

A falta pede uma pessoa. Nasce as relações. Lá na origem estão dois mitos belíssimos. Estórias nascidas da alma coletiva da humanidade. Revelam-

lhe a profundidade. Tornam-se arquétipos do existir humano. Experiência primigênia do humanum que existe em nós.

Na Bíblia, Adão, ao encontrar-se com Eva, exclama: "Destas vezes sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada 'humana' porque do homem foi tirada". Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne. O homem e sua mulher estavam nus, mas não se envergonhavam (Gn 2, 23-25).

Do lado grego, está o mito do andrógino. Andrógino, o ser humano completo, com pretensões divinas. Quem é completo não carece de nada de humano. Zeus o divide. Aí estão as metades a se desejarem mutuamente.

A teoria evolucionista da colaboração, a psicologia de Winnicott, a sociologia do conhecimento, a filosofia personalista e a teologia trinitária mergulham fundo no ser humano para desvendar esse mistério de reciprocidade intersubjetiva.

Superam-se o darwinismo e o neodarwinismo por outra concepção da evolução. Resiste ao tempo e ao espaço aquele ser que mais colabora, mais associa, mais coopera.

O ser humano necessita radicalmente do outro para construir-se na sua humanidade desde o nascimento até o final de sua existência. Sem cuidado, a criança fisicamente morre. Se lhe oferecem um mínimo para viver, mas se lhe negam o cuidado do carinho, atrofia-se-lhe a dimensão afetiva. O ambiente prossegue o processo de desenvolver-lhe ou de minguar-lhe a capacidade de relacionar-se com o outro.

A filosofia tematiza a natureza intersubjetiva do ser humano. E por fim, a teologia aponta-lhe a criação por um Deus trino que é comunhão. A raiz do ser humano suga na comunhão a seiva do ser.

Essa falta amplia-se para a comunidade. O ser humano comunitário deseja mais. Ultrapassa o individualismo. Sente falta de estar com outros/as, além da cara-metade. Expande-se para viver em comunidade familiar, étnica, religiosa ou outra.

No início do Cristianismo, os pagãos ficaram tocados pelo exemplo de amor entre os cristãos. Eles se diziam: vejam como eles se amam [Tertuliano, *Apol.* 39]. Esbarramos numa estrutura básica do ser humano como ser de relações. No princípio estão as relações comunitárias para além de um simples outro. Rompemos então o esquema dual para abrir-nos aos humanos que nos vão chegando ao longo da vida.

A carência vai mais longe. O outro aparece como projeto maior, como um ideal a ser defendido no campo social, político. Manifesta-se aí a natureza



política do ser humano. Aristóteles define-o com “ser vivo político”. Existe para viver na polis, na cidade, na república, onde ele se realiza como cidadão. Não se trata do simples fato de viver em sociedade, mas de participar da organização política, construindo-a como forma superior de convívio humano além da família e de comunidades. No espaço desse seminário, tal compreensão do ser humano vem a calhar.

Um passo à frente. O ser humano sente falta do Transcendente. Para quem crê, ele se chama Deus. Outros veem nele uma energia. Mesmo ateus, como A. Comte-Sponville, defendem uma espiritualidade sem Deus [O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007]. O ser humano carece de algo que ultrapassa os pequenos sentidos do cotidiano e o lance para o alto. L. Ferry usa a expressão transcendência na imanência para traduzir algo dessa carência humana radical, embora se confesse, também ele, ateu [L. Ferry: L'homme-Dieu ou le Sens de la vie. Essai. Paris, Grasset, 1996].

#### Amor-phylia

Amor deixa o campo da carência e espraia-se pela amizade, pela alegria da presença de outro. Os gregos falam de phylia que está na etimologia de muitas palavras conhecidas. Já não se restringe à mera falta. Avança para o gozo, o regozijo. Mas de quem? De novo, as quatro direções do amor se revelam.

Alguém se alegra unicamente consigo. O eu lhe oferece fonte de gozo, de alegria. A fonte de prazer vem-lhe do espelho. Narcisamente se sente feliz de ver-se retratado em tudo que contempla. O seu eu se infiltra em todas as realidades e nelas somente lhe aprazem os traços do eu. No fundo, a amizade já não merece tal nome, pois não sai para fora do eu.

Ela se realiza de outra forma. A fonte de gozo vem da presença de outra pessoa que não eu. Vai além da falta. O simples encontro gratifica. O outro se põe diante na gratuidade do estar-aí. Sem mais. Não vem cobrir nenhuma falta, como tal, mas simplesmente lubrificar de festa a vida. Merece o nome realmente de amizade. E sobre ela multiplicam-se os discursos, abundam as experiências e exemplos. Guardemos simplesmente a gratuidade da presença.

Mais um passo. Esse outro chama-se comunidade. Ultrapassa-se a singularidade do amigo. Abrimo-nos a muitos, a inúmeros, a todos os que nos trazem o bálsamo da presença ou que, ao menos, nos possibilitam alargar o horizonte da complacência, da benevolência em direção a eles.

Há aqueles que se alegram na luta por uma causa, por um projeto. Estabelecem vínculo de amizade com o ideal a ser conquistado. Cada passo obtido merece festa, celebração. Unem-se em torno dos mesmos objetivos que implicam pessoas, políticas, estratégias, táticas. O mundo social e político

representa para eles o espaço da alegria. Fazem-se capazes de realizar o que Che Guevara formulara de maneira tão simples: “Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás”. A causa não se porta como madrasta, nem como fonte de dureza, de rigidez, de violência, mas de alegria e dança.

Só assim se entende, especialmente no mundo dos jovens, como eles mesclam saudavelmente compromisso social e político com coleguismo, companheirismo, comemorações jubilosas. Maio de 1968 e manifestações semelhantes tiveram traços dessa alegria – phylia – em relação à causa maior da liberdade. O conhecido slogan “É proibido proibir” traduz bem esse sentimento de liberdade, de leveza. Esse amor permite superar a decepção com a política por causa do baixo nível de muitos políticos. Alegra-se com os verdadeiros defensores da cidadania, da democracia, dos interesses do povo.

Avancemos ainda mais. Alegria com a presença da Transcendência. De novo, sob vários nomes. J. Hick publica livro provocante com o título: Deus tem muitos nomes [Philadelphia: The Westminster Press, 1980]. As experiências de tal amizade enchem uma enciclopédia de místicos, de pessoas devotadas à Transcendência até os ateus acima mencionados que nos falam da sua necessidade. Santo Agostinho imortalizou tal fruição divina, ao definir a felicidade como frui Deo, fruir, gozar de Deus. Santa Tereza, São João da Cruz legaram-nos versos imortais.

#### Amor-agape

Um último salto do amor. O amor-agape. Nasce da fé bíblicocristã. Além de tudo o que se disse, existe o amor da pura gratuidade. A carência e amizade implicam a resposta do outro. Aqui não. Esta pode vir. E trará muita alegria e gozo. Mas não se faz necessária.

Os dois grandes paradigmas, por assim dizer, desse amor se chamam: Deus a criar o ser humano e Jesus a perdoar os inimigos. Do nosso lado, com o pincel do conhecimento, do amor e da práxis desenhamos esses modelos em nossas vidas. A célebre oração de São Francisco pontua-nos com clareza: “Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado”. Está definição concreta desse amor.

Por que a criação o manifesta? Deus nos cria livres, entrega-nos a responsabilidade da liberdade e continua sustentando-nos no existir, amemo-lo ou não o amemos. E teologia no-lo define simplesmente como Amor. E Jesus visibiliza tal amor no perdão aos inimigos.

Na raiz de tal amor estão a disponibilidade, a entrega total de si, a capacidade de perdoar. Infelizmente o ser humano consegue perverter o amor-agape, ao concretizar tal orientação unicamente para si. Consome as energias,



dedica-se de corpo e alma, perdoa, mas somente a si mesmo. Claro que já não se faz jus ao amor-agape da tradição cristã. Corrompeu-o na raiz.

Outros vivem tal dimensão na relação interpessoal. As mães, em geral, mostram-se capazes de tal amor aos filhos. Comove-nos ver a cena de mães a agitarem o lenço com lágrimas nos olhos para filhos presos detrás da grade, sabe Deus lá, por que crimes. Lá estão elas fieis ao amor ao filho sem perguntar nem sondar a culpabilidade. Puro perdão.

Em espaço mais amplo, o amor-agape se vive em comunidade. Difícil, mas real. Acolhem-se as pessoas na gratuidade, sem exigir nenhuma retribuição, perdoam-se os atritos e desentendimentos. Sonho de toda comunidade. Só o amor-agape mantém feliz uma comunidade e torna-a lugar de alegria e de beleza.

Ainda mais difícil, vivê-lo no espaço de uma causa, de um programa e projeto social e político. A diversidade das pessoas, a pluralidade de motivações que as reúnem, a natureza mesma da realidade dificultam enormemente essa relação de amor-agape. Esse amor vai tão longe que perdoa os companheiros de luta, aqueles que decepcionam pela traição à própria vocação política. Tem coragem de superar a sensação de impotência em face da monstruosidade do sistema dominante. Sustenta-se, como Jesus na cruz, no meio do fracasso, mantendo a confiança no Transcendente. Assim a derrocada de tantos projetos revolucionários não destrói a esperança. Recorda-se, como Israel, dos momentos de graça do passado para ter força no presente e lutar em vista de futuro melhor. Assim, experiências do passado, tais como, Cuba, a derrota dos EUA na guerra do Vietnam, Maio de 1968, Praga 1967/8, Diretas-já, Médicos sem Fronteiras, Novos movimentos sociais, nova consciência ecológica, surto religioso, o Fórum Social Mundial, etc. permanecem como centelhas de "outro mundo possível".

Até em relação à Transcendência, que se revela como puro amor-agape, custa-nos alimentá-lo. Não raro, provações, desgraças inexplicáveis, catástrofes, sofrimentos rondam-nos como dúvida e até revolta contra Deus. Por que Deus permitiu isso comigo? Perguntas infinitas vezes levantadas. E quanto mais nos assediam desventuras, fracassos e outras calamidades, tanto mais nos desafia o amor de entrega, de absoluta confiança em Deus.

São João nos resumiu bem tal amor: "E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele acreditamos. Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele" (1 Jo 4,16). Nesse amor não há temor: "Não há temor no amor; mas o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor implica castigo, e o que teme não é perfeito no amor" (1 Jo 4,18). Está a consciência de que amamos, porque, no fundo, o amor primeiro de Deus antecede o nosso amor e o sustenta. "Quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro" (1 Jo 4,19). O amor de Deus opera amor.

Paulo cantou esse amor, em belíssimos versículos, com inúmeras qualidades: paciente, benigno, não invejoso, nem orgulhoso, nem soberbo, nem descortês, nem interesseiro, nem irritadiço, nem rancoroso, antes tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo tolera. Enfim, esse amor nunca acabará (1 Cor 13, 1-8).

### Conclusão

**Por que faço o que faço? Por muitas razões. Expus algumas. Toca-nos refletir e perscrutar a mente, o coração e analisar a práxis. Só assim conheceremos o segredo do agir. Oxalá cheguemos a esse último nível do fazer: na liberdade e por amor.**



## Testemunhas de Uma Vida Com o Rosto de Deus!

(Zé Aparecido)

1. Nós vemos a humanidade desfigurada, sem brilho, sem alegria e sem esperança./ A vida, nas multidões desumanizada, corrompidas de malícia e de ganância.

Ref. **O rosto do Criador, no Filho se revelou, e Cristo comunicou-nos um rosto novo./ Beleza e alegria, com luta e com ousadia,/ pra sermos transfigurados com todo o povo.**

2. O rosto do meu Senhor tem um brilho forte, que queima o rancor pra dar nova identidade./ O grito desta nação vai de sul a norte, na busca do reencontro com a liberdade.

Ref. **O rosto do Criador...**

3. Nos becos, periferias e nas favelas, nas ruas e nas calçadas desta cidade./ Crianças e Adolescentes discriminados, são vítimas do preconceito da sociedade.

Ref. **Acorda Brasil amado, pastores e governantes, acordem pra enxergar a realidade./ De um lado faltando pão, remédio e educação,/ e de outro querem rebaixar a maioria.**

4. O Cristo transfigurado pede respostas, a quem testemunha a vida com o Rosto seu./ E a Pastoral do Menor é esta proposta, que traz o sereno olhar do Rosto de Deus.

Ref. **A imagem de Deus em nós, semelhante Ele nos fez, pra termos o seu amor sua compaixão./ Escutem a meninada, pobre e marginalizada,/ pra irmos configurando a libertação.**

5. Juventude pobre e negra exterminada, há exploração feminina e infantil./ Garotos “abortam” sonhos atrás das grades./ E vemos desfigurar o nosso Brasil.

Ref. **A imagem de Deus em nós, semelhante Ele nos fez, pra termos o seu amor sua compaixão./ E vamos com a meninada, feliz e transfigurada,/ refazer o paraíso da Criação.**

6. Pra Deus cada ser humano é seu filho amado, também cada coração é um Monte Tabor./ Profecias do presente e do passado, confirmam a opção do Libertador.

Ref. **A imagem de Deus em nós, semelhante Ele nos fez, pra termos o seu amor sua compaixão./ “Quem me viu já viu o Pai”, não há o que se esconder, “me vejam nos pequeninos dos meus irmãos”.**